



Plan

Aprender

sem medo.

**Pesquisa:
Bullying Escolar no Brasil**

Relatório Final



PESQUISA:
BULLYING ESCOLAR NO BRASIL
RELATÓRIO FINAL

MARÇO DE 2010

Realização da Pesquisa:

Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor – CEATS

Fundação Instituto de Administração - FIA

Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 – Ed. FEA1 – sala C21

05508-900 - Cidade Universitária – São Paulo, SP – Brasil

Telefone / Fax (55-11) 3818-4009

E-mail: ceats@fia.com.br

Site: www.ceats.org.br

Equipe de Pesquisa:

Coordenação Geral: Profa. Dra. Rosa Maria Fischer

Coordenação Técnica: Gisella Werneck Lorenzi
Luana Schoenmaker da Pedreira
Monica Bose

Aplicação, tabulação e análises: Cleo Fante
Cristiana Berthoud
Edmilson Alves de Moraes
Flávia Puça
Jane Pancinha
Maria Raimunda Ribeiro da Costa
Priscila Faria Vieira

Revisão: Cristina Paloschi Uchoa de Oliveira

Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final – São Paulo: CEATS/FIA, 2010

Sumário

Realização da Pesquisa:	1
Sumário	2
1 Introdução	4
2 Procedimentos Metodológicos	7
2.1. Objetivos do Estudo	7
2.2. Modelagem da Pesquisa de Campo	8
2.3. Etapa Quantitativa	9
2.3.1. Definição da Amostra e Escolas Participantes	9
2.3.2. Coleta de Dados	10
2.4. Etapa Qualitativa	11
3 Caracterização da Amostra	13
3.1 Série Escolar	13
3.2 Idade	13
3.3 Sexo	14
3.4 Cor / Etnia	15
3.5 Escolaridade do pai	16
3.6 Escolaridade da mãe	17
3.7 Situação civil dos pais	18
3.8 Arranjos Familiares	18
3.9 Acesso a Meios de Comunicação	20
3.10 Amigos	22
3.11 Ambiente Escolar	22
3.12 Ambiente Familiar	23
4 Incidência	24
4.1 Incidência de Maus Tratos nas Escolas	24
4.2 Maus tratos e <i>Bullying</i> nas Escolas: Incidência de Casos de Vítimas	25
4.3 Maus tratos e <i>Bullying</i> nas Escolas: Incidência de Casos de Agressores	28
4.4 Considerações Finais	29
5 Causas	31
5.1 Escola	31
5.2 Família	32
5.3 Alunos	32
5.4 Outras Causas	34
5.5 Considerações Finais	34
6 Modos de Manifestação	36
6.1 Práticas	36
6.2 Espaços da escola em que as agressões se manifestam	40
6.3 Quantidade de Agressores	41
6.4 Considerações Finais	44
7 Perfil das Vítimas e dos Agressores	45
7.1 Perfil das Vítimas	45
7.1.1 Características Demográficas	45
7.1.2 Características Comportamentais e Emocionais	47

7.2	Perfil dos Agressores	54
7.2.1	Características Demográficas	54
7.2.2	Características Comportamentais e Emocionais	56
7.3	Considerações Finais	60
8	Estratégias adotadas pelas escolas	63
8.1	Atuação das escolas frente aos maus tratos	63
8.2	O que a escola deve fazer frente aos maus tratos?	66
8.3	Atuação dos professores frente aos maus tratos.....	67
8.4	Considerações Finais	68
9	Maus Tratos no Ambiente Virtual	69
9.1	Incidência.....	69
9.2	Modos de Manifestação.....	71
9.3	Reações das Vítimas e dos Agressores.....	73
9.4	Considerações Finais	75
10	Conclusão	76

1 Introdução

O presente estudo busca contribuir com a redução da violência no ambiente escolar a partir de um levantamento de dados inédito que permitiu conhecer as situações de maus tratos nas relações entre estudantes dentro da escola nas cinco regiões do País. É fundamental que se conheça como se operam as manifestações da violência, tendo sempre em vista que essas manifestações se modificam, atualizando-se de acordo com o contexto histórico-social, para que esse conhecimento subsidie a gestão escolar.

As pesquisas acadêmicas sobre violência escolar sofreram significativas mudanças nos últimos anos. Na década de 1980, o tema da violência na escola era abordado pelos pesquisadores a partir de manifestações relativas à segurança pública: atos juvenis de depredações e pichações serviam de objeto para a reflexão sobre a violência. A partir da década de 1990, as relações interpessoais passaram a tornar-se centrais no fenômeno violento:

“Nesses primeiros anos da década de 80, observa-se certo consenso em torno da idéia de que as unidades escolares precisariam ser protegidas (...) tratava-se assim de uma concepção de violência expressa nas ações de depredação do patrimônio público (...). Naquele momento não estavam sendo questionadas as formas de sociabilidade entre alunos, mas eram criticadas as práticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras da violência. (...) É possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais.”¹

É também na década de 1990 que um novo conceito passa a ser considerado no campo de estudos sobre a violência entre pares: o *bullying*. Para fins deste estudo, o *bullying* é definido como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem motivação evidente, são adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima².

¹ SPOSITO, Marília Pontes. *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso (acessado em 04/03/2010)

² FANTE, Cleodilice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

Na década de 2000 o fenômeno do *bullying* ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra *bullying* retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa. No Brasil o fenômeno é objeto de poucos estudos e, apenas recentemente, uma pesquisa nacional promovida pelo Ministério da Educação abordou o tema, ainda que de forma indireta.³

A utilização do conceito apresenta algumas fragilidades. O próprio termo *bullying* causa estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar, por se tratar de uma importação pouco adaptada às questões próprias da violência no ambiente escolar brasileiro. Como resultado, o *bullying* ainda não se encontra diferenciado no fenômeno geral de violência entre pares, e os critérios que tecnicamente o destacam, que se referem à repetição do ato à falta de motivação evidente, são de difícil aferição objetiva. Nesse sentido, sua operacionalização conceitual exigiria uma consistência ainda não atingida. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.

Para os sujeitos participantes do atual estudo - alunos, professores, pais e equipe técnica das escolas – a palavra *bullying* é praticamente desconhecida. No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida e associada a episódios de maus tratos na escola, fenômeno presente e conhecido de todos. Há, portanto, grande dificuldade em diferenciar o *bullying* de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Dessa forma, optou-se por se utilizar, ao longo da realização da pesquisa, o termo maus tratos para se referir aos atos violentos entre os estudantes fossem eles de natureza física, verbal, psicológica ou sexual.

Nas análises realizadas, procedeu-se a identificação das situações envolvendo o *bullying* propriamente dito, conforme critérios previamente estabelecidos, ressalvada a consistência ainda incipiente do conceito. Este estudo procura identificar e dar luz aos episódios de violência e maus tratos entre pares no ambiente escolar, que, como se verá, traduzem uma cultura contemporânea em que as formas de relação social merecem novos cuidados, em especial dos gestores da educação.

Através de dados quantitativos e qualitativos, este estudo buscou conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em escolas brasileiras. Sua ênfase recaiu sobre o contexto em que tais situações acontecem, as motivações subjacentes, os perfis dos praticantes e das vítimas dos atos

³ Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar. São Paulo, 2009.

de violência, as conseqüências dessas situações para os envolvidos e, por fim, sobre as ações da escola.

O presente relatório apresenta os resultados desse estudo. Ele está dividido em 10 capítulos, que se iniciam com esta introdução ao tema e ao problema da pesquisa. O capítulo 2 faz uma apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos adotados para sua realização. O capítulo 3 descreve as características da amostra de alunos pesquisada na etapa quantitativa do estudo. No capítulo 4 é apresentada a frequência com que ocorrem maus tratos nas escolas pesquisadas, enquanto no capítulo 5 apresentam-se causas associadas à prática de maus tratos no ambiente escolar. O capítulo 6 apresenta as formas mais comuns desses maus tratos entre pares no ambiente escolar, seguido pelo Capítulo 7, que apresenta traços de perfil e padrões de comportamento dos agressores e das vítimas. No Capítulo 8 discutem-se as estratégias de combate aos maus tratos adotadas pelas escolas. O emprego do ambiente virtual para realizar agressões é o tema do Capítulo 9. As principais conclusões do estudo são consolidadas no Capítulo 10 deste documento.

2 Procedimentos Metodológicos

2.1. Objetivos do Estudo

O estudo “Bullying no Ambiente Escolar”, de caráter exploratório e descritivo, teve por objetivo conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em escolas brasileiras. Sua relevância reside na importância que fenômenos ligados à violência têm adquirido no âmbito do sistema de ensino e na gestão escolar. De modo específico, a pesquisa visou fornecer subsídios para que a Plan Brasil desenvolva ações apropriadas em sua campanha nacional “Aprender sem Medo”, que visa estimular intervenções efetivas de combate a violência no ambiente escolar.

Para atingir esses objetivos, o estudo foi realizado por meio da coleta e da análise de dados quantitativos e qualitativos, com foco nas seguintes dimensões do tema:

- Incidência de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Perfil dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* no ambiente escolar.

Os debates e análises que antecederam a realização da pesquisa de campo geraram a constatação de que é impossível delimitar operacionalmente o fenômeno do *bullying*, de modo a destacá-lo do conjunto de situações de violência nas relações entre pares no ambiente escolar. Essa dificuldade se deve, sobretudo, ao desconhecimento que educadores, técnicos e gestores de escolas, alunos e pais apresentam sobre os elementos que caracterizam o termo *bullying*, tais como descritos pelos especialistas que vêm se dedicando ao estudo do fenômeno. Tendo em vista as consequências dessa dificuldade para a coleta de dados e posteriores análises, o conceito foi operacionalizado de forma mais flexível, o que permitiu captar a percepção dos informantes sobre maus tratos no ambiente escolar e, quando pertinente, sobre situações específicas de *bullying*, caracterizadas pela prática de maus tratos entre colegas de escola, repetidos com frequência superior a três vezes durante o ano letivo de 2009.

2.2. Modelagem da Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo teve início com uma Oficina de Modelagem, realizada com especialistas em *bullying* escolar no dia 6 de outubro de 2009, nas dependências da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. A oficina contemplou os seguintes tópicos:

- a) Alinhamento conceitual: definições a serem utilizadas na condução da pesquisa;
- b) Etapas do estudo: público-alvo, instrumento de coleta de dados e objetivos do estudo a serem atingidos com a realização de cada uma das etapas;
- c) Questionário: perfil do público, caracterização ampla do respondente, definição das questões e respectivas alternativas de respostas;
- d) Definição da Amostra: para etapas quantitativa e qualitativa;
- e) Coleta de dados: procedimentos de mobilização de Secretarias de Educação e direção das escolas, desenvolvimento do manual de aplicação, especificidades das formas de aplicação em cada região, condução dos grupos focais e resultados esperados.

A Oficina de Modelagem teve duração de oito horas e contou com a presença de um grupo de pessoas oriundas de diferentes regiões do Brasil, que conhecem e estudam o sobre *bullying* e têm experiência na realização de pesquisas sobre esse fenômeno. Os resultados alcançados com a realização da Oficina foram:

- a) Definição de cronograma de execução das etapas quantitativa e qualitativa da pesquisa, contemplando, simultaneamente, a necessidade de garantir a qualidade dos resultados do estudo, as percepções dos especialistas sobre o tempo necessário para sua preparação e execução e a exigência de que as duas etapas não fossem separadas pelo período de férias escolares, o que prejudicaria os resultados do estudo;
- b) Validação das questões e respectivas alternativas de respostas para compor o questionário de levantamento de dados na etapa quantitativa. As questões foram definidas de forma que a aplicação do questionário resultasse no alcance dos objetivos do estudo proposto para a etapa quantitativa da pesquisa. Discutiu-se sobre a pertinência e relevância de questões enviadas previamente aos especialistas, o que resultou na exclusão de algumas delas e revisão de outras, assim como no acréscimo de questões sugeridas pelos presentes;
- c) Apresentação dos critérios para seleção da amostra de escolas que participariam da coleta de dados;
- d) Definição de estados e municípios em que seriam realizadas as coletas de dados;
- e) Orientação dos participantes sobre questões relacionadas à condução de grupos focais, realizada por consultora responsável pela preparação e condução dos grupos;

- f) Definição sobre a abordagem a ser utilizada para contato com Secretarias de Educação e escolas, bem como para entrega de materiais de apoio à preparação e execução da coleta de dados (manual de aplicação do questionário, cartas de apresentação do estudo e crachás de identificação dos pesquisadores).

2.3. Etapa Quantitativa

O instrumento utilizado na etapa quantitativa da pesquisa foi elaborado com base em dois questionários diferentes sobre *bullying* no ambiente escolar, aplicados em experiência anterior, desenvolvidos por Cleo Fante⁴, que adaptou questionário sobre o tema de autoria de Dan Olweus, e por pesquisadores da Universidade de Lisboa⁵.

As questões foram distribuídas em cinco seções e foram estruturadas visando captar dados que atendessem aos seguintes objetivos do estudo: incidência, modos de manifestação e perfis dos envolvidos (vítima e agressor) em maus tratos no ambiente escolar. Algumas perguntas adicionais foram incluídas com o objetivo de fazer uma sondagem sobre as causas do *bullying* e estratégias de combate ao fenômeno adotadas pelas escolas, temas esses abordados mais amplamente na etapa qualitativa da pesquisa.

2.3.1. Definição da Amostra e Escolas Participantes

Os critérios para escolha das escolas convidadas a participar do estudo foram: cinco escolas por região geográfica do país, sendo quatro públicas municipais e uma particular. Cada grupo de cinco escolas deveria ser composto, ainda, por três escolas localizadas em uma capital e duas localizadas em cidades do interior.

Dentre as escolas localizadas na capital, foram escolhidas uma com bom desempenho, uma com médio desempenho e uma com baixo desempenho no Prova Brasil. Dentre as localizadas no interior, uma com bom desempenho e uma com baixo desempenho no Prova Brasil.

A caracterização final das escolas participantes é apresentada a seguir:

⁴ FANTE, Cleodelice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

⁵ FREIRE, Isabel P., SIMÃO, Ana M. Veiga & FERREIRA, Ana S. *O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do Ensino Básico* - questionário aferido para a população escolar portuguesa. Lisboa: Universidade de Lisboa in Revista Portuguesa de Educação, 2006, 19(2), pp. 157-183, 2006, CIEd - Universidade do Minho.

Região	Cidade/Estado
Norte	Belém/PA
Norte	Ananindeua/PA
Sul	Porto Alegre/RS
Sul	São Leopoldo/RS
Sudeste	São Paulo/SP
Sudeste	São José do Rio Preto/SP
Nordeste	São Luis/MA
Nordeste	São Luis/MA
Nordeste	Codó/MA
Nordeste	Timbiras/MA
Centro-Oeste	Brasília – DF
Centro-Oeste	Samambaia – DF
Centro-Oeste	Brazlândia – DF

Tabela 2.1. Municípios por região

Região	Escola particular – alunos respondentes		Escola pública – alunos respondentes		Total alunos respondentes	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Centro Oeste	201	20,6%	774	79,4%	975	100%
Nordeste	200	19,4%	833	80,6%	1033	100%
Norte	201	20,3%	789	79,7%	990	100%
Sudeste	247	20,1%	981	79,9%	1228	100%
Sul	246	26,1%	696	73,9%	942	100%
Total geral	1095	21,2%	4073	78,8%	5168	100%

Tabela 2.2. Quantidade de alunos por tipo de escola por região

Região	Capital – alunos respondentes		Interior – alunos respondentes		Total alunos respondentes	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Centro-Oeste	569	58,4%	406	41,6%	975	100%
Nordeste	610	59,1%	423	40,9%	1033	100%
Norte	590	59,6%	400	40,4%	990	100%
Sudeste	662	53,9%	566	46,1%	1228	100%
Sul	512	54,4%	430	45,6%	942	100%
Total geral	2943	56,9%	2225	43,1%	5168	100%

Tabela 2.3. Quantidade de alunos por localização (capital ou interior) por região

2.3.2. Coleta de Dados

Os questionários foram aplicados entre os meses de outubro e dezembro de 2009 junto às 25 escolas convidadas a participar da pesquisa, com amostras aleatórias de alunos de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, como detalhado a seguir:

Regiões	Série				Total geral
	5ª	6ª	7ª	8ª	
Centro-Oeste	240	210	199	326	975
Nordeste	285	249	250	249	1033
Norte	250	250	250	240	990
Sudeste	290	331	295	312	1228
Sul	208	234	217	283	942
Total geral	1273	1274	1211	1410	5168

Tabela 2.4. Quantidade de alunos por série por região

2.4. Etapa Qualitativa

Na etapa qualitativa da pesquisa foram realizados grupos focais com alunos, professores, funcionários, diretores e coordenadores de escolas e pais de alunos. Nesses grupos foram trabalhados os seguintes objetivos:

- Conhecer as causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Identificar os perfis dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Identificar os modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Refletir sobre as estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* adotadas pelas escolas.

A etapa qualitativa foi desenvolvida entre os meses de novembro e dezembro de 2009 nas cidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), São Luís (Maranhão), Belém (Pará), Brasília (Distrito Federal), Brazlândia (Distrito Federal) e São Paulo (São Paulo).

No total foram realizados 14 dos 15 grupos focais previstos inicialmente, visto que em uma das cidades, um grupo com pais foi cancelado devido ao não-comparecimento de participantes. Dessa forma, a análise final foi realizada com o material dos seguintes Grupos Focais:

- cinco grupos com alunos;
- dois grupos com pais/responsáveis;
- três grupos com professores;
- um grupo com gestores e funcionários;
- três grupos com gestores, professores e funcionários.

Participaram dos Grupos Focais 133 pessoas, sendo 55 alunos, 14 pais/responsáveis e 64 técnicos, professores e/ou gestores das escolas.

Utilizando-se do método de análise qualitativa de conteúdo especificamente indicado para grupos focais, foi possível realizar uma Análise Temática (análise descritiva e reflexiva das verbalizações agrupadas por temas em função dos objetivos da pesquisa), o que possibilitou que os resultados fossem em parte complementares aos da etapa quantitativa da pesquisa e, ainda, trouxessem novas perspectivas e recomendações.

Foram ainda realizadas análises intra e intergrupos por segmentos de alunos, de professores, funcionários e direção escolar e, também, de familiares.

3 Caracterização da Amostra

Este capítulo descreve a caracterização dos 5.168 alunos que participaram da etapa quantitativa da pesquisa, a qual consistiu na aplicação de um questionário em 25 escolas das cinco regiões geográficas do País.

3.1 Série Escolar

A amostra de alunos foi composta por quantidades semelhantes de estudantes da quinta, sexta, sétima e oitava séries do Ensino Fundamental, como é possível observar na tabela abaixo. Também não há diferenças significativas na distribuição dos alunos por série nas cinco regiões do País, conforme divisão apresentada a seguir:

Regiões	Série				Total
	5ª	6ª	7ª	8ª	
Centro-Oeste	240	210	199	326	975
Nordeste	285	249	250	249	1033
Norte	250	250	250	240	990
Sudeste	290	331	295	312	1228
Sul	208	234	217	283	942
Total	1273	1274	1211	1410	5168

Tabela 3.1. Alunos da amostra por série escolar e região

3.2 Idade

Como detalhado na tabela a seguir, há uma concentração de participantes no intervalo de 11 a 15 anos de idade, sendo que mais de 60% da amostra está na faixa etária de 12 a 14 anos.

Idade	Quantidade	Percentual
10	45	0,9%
11	623	12,1%
12	1004	19,4%
13	1069	20,7%
14	1319	25,5%

Idade	Quantidade	Percentual
15	660	12,8%
16	249	4,8%
17	72	1,4%
18	17	0,3%
19	10	0,2%
21	1	0,0%
Em branco	99	1,9%
Total	5168	100,0%

Tabela 3.2. Alunos da amostra por idade

3.3 Sexo

A amostra de estudantes pesquisados foi composta de forma bastante equilibrada por meninos e meninas, sendo que 51% dos alunos são do sexo feminino e 48% são do sexo masculino, conforme tabela a seguir:

Resposta	Quantidade	Percentual
Menino	2502	48,4%
Menina	2614	50,6%
Em branco	52	1,0%
Total	5168	100,0%

Tabela 3.3. Alunos da amostra por sexo

Não há diferenças significativas na distribuição por sexo nas cinco regiões do País. Meninos e meninas da amostra se distribuem por região da seguinte forma:

Região	Menino	Menina	Em branco	Total
Centro-Oeste	46,3%	52,9%	0,8%	100%
Nordeste	45,2%	53,3%	1,5%	100%
Norte	48,9%	50,6%	0,5%	100%
Sudeste	50,9%	48,9%	0,2%	100%
Sul	50,4%	47,3%	2,2%	100%

Tabela 3.4. Alunos da amostra por sexo e região

3.4 Cor / Etnia

Na amostra pesquisada, há predominância de alunos “morenos” e “brancos”, que somados representam quase 70% do todo, e um percentual significativo de “pardos” (21,4 %). Caboclos, cafuzos, amarelos, índios, mulatos e pretos são pouco representativos na amostra e, somados, não representam nem 10% do total, como detalha a tabela a seguir.

Cor / etnia	Quantidade	Percentual
Moreno	1780	34,4%
Branco	1672	32,4%
Pardo	1104	21,4%
Preto	152	2,9%
Mulato	137	2,7%
Índio	100	1,9%
Amarelo	96	1,9%
Cafuzo	52	1,0%
Caboclo	40	0,8%
Em branco	35	0,7%
Total	5168	100,0%

Tabela 3.5. Alunos da amostra por cor / etnia (auto-classificação)

No Centro-Oeste, no Nordeste e no Norte os alunos que se auto-classificam como “morenos” formam o grupo numericamente mais expressivo, enquanto no Sudeste e no Sul, destaca-se o grupo formado pelos alunos que se auto-classificam como “brancos”. Enquanto o número de “pardos” é bem significativo nas três primeiras regiões citadas, nas duas últimas (Sul e Sudeste) esse número diminui bastante, principalmente no Sul.

Cor/etnia	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Moreno	34,5%	40,6%	33,1%	33,2%	30,7%	34,4%
Branco	26,6%	18,2%	24,7%	39,7%	52,2%	32,4%
Pardo	25,5%	30,5%	29,7%	17,3%	3,6%	21,4%
Preto	3,8%	2,0%	2,1%	2,2%	4,9%	2,9%
Mulato	3,0%	2,3%	2,6%	2,4%	3,0%	2,7%
Índio	1,9%	1,5%	2,5%	1,2%	2,7%	1,9%
Amarelo	2,5%	1,7%	2,4%	1,9%	0,7%	1,9%
Cafuzo	1,2%	0,3%	1,4%	1,1%	1,1%	1,0%
Caboclo	0,6%	1,5%	0,8%	0,3%	0,6%	0,8%
Em branco	0,4%	1,3%	0,5%	0,7%	0,5%	0,7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

3.6. Alunos da amostra por cor / etnia e por região

3.5 Escolaridade do pai

A escolaridade dos pais dos alunos pesquisados reflete um perfil que caracteriza as escolas participantes da pesquisa, mas que não é representativa da escolaridade média da população brasileira. Metade dos pais tem Ensino Médio ou Ensino Superior completos. Apenas 3,7% são analfabetos, como se pode observar:

Escolaridade do pai	Total	Percentual
Não sabe ler e escrever	190	3,7%
Sabe ler e escrever	653	12,6%
Ensino médio	1250	24,2%
Fundamental I	686	13,3%
Fundamental II	804	15,6%
Superior	1340	25,9%
Em branco	245	4,7%
Total	5168	100%

Tabela 3.7. Escolaridade dos pais dos alunos da amostra

O grau de escolaridade dos pais dos alunos na região Nordeste é o mais baixo da amostra, enquanto o nível de escolaridade dos pais dos alunos da região Norte é a mais alta:

Escolaridade do pai	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Não sabe ler e escrever	1,8%	10,4%	1,1%	3,4%	1,3%
Sabe ler e escrever	7,8%	17,7%	14,4%	12,6%	10,2%
Ensino médio	30,7%	17,6%	25,4%	20,5%	28,2%
Fundamental I	12,2%	13,8%	9,5%	17,3%	12,4%
Fundamental II	17,4%	8,6%	15,8%	16,3%	20,1%
Superior	26,9%	18,9%	32,6%	25,0%	26,9%
Em branco	3,2%	13,0%	1,2%	4,8%	1,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.8. Escolaridade dos pais dos alunos da amostra por região

3.6 Escolaridade da mãe

A escolaridade das mães dos alunos pesquisados assemelha-se à dos pais: aproximadamente 50% dos alunos da amostra têm mães com escolaridade que varia entre o Ensino Médio e o Ensino Superior.

Escolaridade da Mãe	Total	Percentual
Não sabe ler e escrever	291	5,6%
Sabe ler e escrever	476	9,2%
Ensino médio	1401	27,1%
Fundamental I	596	11,5%
Fundamental II	951	18,4%
Superior	1282	24,8%
Em branco	171	3,3%
Total	5168	100%

Tabela 3.9. Escolaridade das mães dos alunos da amostra

Em comparação com as outras regiões, a escolaridade das mães dos alunos da região Nordeste também é a mais baixa da amostra. A escolaridade das mães dos alunos do Centro-Oeste e do Norte, por outro lado, são as mais altas da amostra.

Escolaridade da Mãe	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Não sabe ler e escrever	3,9%	11,8%	5,1%	4,4%	2,9%
Sabe ler e escrever	5,8%	12,9%	10,0%	9,9%	7,0%
Ensino médio	33,9%	21,7%	33,5%	20,9%	27,3%
Fundamental I	10,8%	12,3%	6,0%	15,8%	11,8%
Fundamental II	18,7%	11,3%	17,9%	20,3%	24,0%
Superior	24,9%	19,7%	26,7%	26,5%	26,2%
Em branco	1,9%	10,4%	0,9%	2,3%	0,8%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.10. Escolaridade das mães dos alunos da amostra por região

3.7 Situação civil dos pais

Mais da metade dos alunos pesquisados apresenta pais morando juntos. Alunos que têm pais separados somam aproximadamente 28% da amostra total. Apenas 8% da amostra têm pais solteiros e 5%, viúvos.

Situação civil	Qt de alunos	Percentual
Moram juntos	2964	57,4%
Separados	1438	27,8%
Solteiro(a)	410	7,9%
Viúvo(a)	262	5,1%
Em branco	94	1,8%
Total geral	5168	100%

Tabela 3.11. Situação civil dos pais dos alunos da amostra

Alunos das regiões Norte e Sul caracterizam-se pelas menores porcentagens de pais que moram juntos. Nessas duas regiões são maiores as porcentagens de pais separados e viúvos. Nas demais regiões, não há diferenças significativas na distribuição dessa variável.

Região	Casados / moram juntos	Divorciados/ separados	Solteiro(a)	Viúvo(a)	Em branco	Total
Centro-Oeste	61,1%	26,5%	6,9%	4,4%	1,1%	100,0%
Nordeste	57,9%	27,0%	8,4%	3,7%	3,0%	100,0%
Norte	50,6%	30,9%	12,0%	4,5%	1,9%	100,0%
Sudeste	64,2%	24,8%	4,6%	5,2%	1,2%	100,0%
Sul	51,1%	30,9%	8,5%	7,6%	1,9%	100,0%

Tabela 3.12. Situação civil dos pais dos alunos da amostra por região

3.8 Arranjos Familiares

Os arranjos familiares são, predominantemente, nucleares: 43% dos alunos da amostra moram com pais e irmãos e 17,6% deles moram com os pais. 16% moram apenas com a mãe e 8% com mãe e irmãos. Todos os demais arranjos têm porcentagens pouco significativas nessa amostra, como pode ser observado na tabela a seguir:

Com quem mora	Quantidade	Percentual
Pais e irmãos	2221	43,0%
Com pais	910	17,6%
Só mãe	829	16,0%
Mãe e irmãos	411	8,0%
Mãe, padrasto e irmãos	187	3,6%
Avô(ó)	132	2,6%
Outros	106	2,1%
Mãe e padrasto	64	1,2%
Avô(ó) e irmãos	57	1,1%
Tio(a)	41	0,8%
Só pai	39	0,8%
Pai e irmãos	37	0,7%
Pai, madrasta e irmãos	37	0,7%
Pai e madrasta	21	0,4%
Tio(a) e irmãos	7	0,1%
Em branco	69	1,3%
Total geral	5168	100%

Tabela 3.13. Arranjos familiares dos alunos da amostra

A região Centro-Oeste tem maior a porcentagem de alunos que moram com pais e irmãos, enquanto o Sul tem a menor. Não há diferenças significativas na distribuição dos demais arranjos familiares por região do País.

Com quem mora	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Pais e irmãos	50,8%	39,7%	40,4%	46,4%	36,7%
Com pais	14,7%	20,2%	15,2%	19,1%	18,5%
Só mãe	15,1%	15,0%	20,9%	12,9%	17,2%
Mãe e irmãos	8,4%	7,0%	6,7%	7,7%	10,2%
Mãe, padrasto e irmãos	2,8%	3,1%	3,8%	2,9%	5,7%
Avô(ó)	1,5%	3,9%	3,9%	2,2%	1,2%
Outros	1,0%	2,0%	2,8%	1,6%	2,9%
Mãe e padrasto	0,8%	1,1%	1,3%	1,0%	2,1%
Avô(ó) e irmãos	0,6%	2,6%	1,2%	0,7%	0,3%
Tio(a)	0,5%	1,0%	1,4%	0,7%	0,3%
Só pai	0,7%	0,7%	0,9%	0,3%	1,3%
Pai e irmãos	0,5%	0,9%	0,2%	0,5%	1,6%
Pai, madrasta e irmãos	0,8%	0,8%	0,2%	0,6%	1,3%
Pai e madrasta	0,2%	0,6%	0,5%	0,3%	0,4%
Tio(a) e irmãos	0,2%	0,4%	0,0%	0,1%	0,0%

Com quem mora	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Em branco	1,3%	1,2%	0,5%	2,9%	0,3%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.14. Arranjos familiares dos alunos da amostra por região

3.9 Acesso a Meios de Comunicação

A televisão e a internet são os meios de comunicação acessados com maior frequência pelos alunos da amostra. 66% deles afirmam que assistem televisão sempre e 56% declaram que acessam a internet sempre. Rádio, jornal e revista são meios de comunicação acessados eventualmente por quase 60% dos alunos da amostra.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,0%	8,6%	29,3%	21,6%	5,9%
Às vezes	31,0%	59,0%	57,3%	58,4%	32,7%
Sempre	66,1%	28,9%	9,4%	17,1%	56,2%
Em branco	1,9%	3,5%	3,9%	3,0%	5,2%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.15. Frequência de acesso a meios de comunicação pelos alunos da amostra

O Centro-Oeste é a região do País em que os alunos da amostra acessam a internet com maior frequência: 65,8% deles afirmam que acessam sempre.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,1%	11,5%	33,7%	22,6%	4,2%
Às vezes	27,5%	59,6%	58,8%	59,9%	26,5%
Sempre	70,5%	27,2%	6,2%	16,5%	65,8%
Em branco	0,9%	1,7%	1,3%	1,0%	3,5%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.16. Frequência de acesso a meios de comunicação no Centro-Oeste

O Nordeste, ao contrário, é a região do País onde os alunos acessam a internet com menor frequência: apenas 42% deles afirmam que acessam sempre e 12,1% nunca acessam a internet.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,2%	8,2%	25,0%	15,1%	12,1%
Às vezes	36,0%	60,3%	56,3%	60,9%	37,9%
Sempre	59,5%	23,2%	9,4%	16,7%	41,7%
Em branco	3,3%	8,2%	9,3%	7,3%	8,2%
Total geral	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 3.17. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Nordeste

Nas regiões Norte, Sul e Sudeste, as porcentagens de alunos que acessam sempre a internet variam entre 55% e 60%, refletindo uma tendência da amostra pesquisada que é predominantemente urbana. Na região Sudeste, quase 42% dos alunos nunca lê jornais, diferentemente dos alunos das demais regiões, que acessam jornais eventualmente ou sempre.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	0,8%	9,2%	20,1%	17,4%	4,3%
Às vezes	34,4%	65,3%	62,4%	59,5%	30,2%
Sempre	62,2%	22,4%	13,3%	20,4%	59,8%
Em branco	2,5%	3,1%	4,1%	2,7%	5,7%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.18. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Norte

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,1%	6,8%	41,9%	28,1%	5,4%
Às vezes	23,5%	56,6%	50,8%	56,2%	32,2%
Sempre	73,6%	34,6%	4,7%	13,4%	59,0%
Em branco	1,8%	2,0%	2,6%	2,3%	3,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.19. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Sudeste

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	0,7%	7,5%	22,9%	23,6%	3,4%
Às vezes	35,5%	53,7%	59,9%	55,6%	36,5%
Sempre	62,8%	36,1%	15,0%	19,2%	54,9%
Em branco	1,0%	2,7%	2,2%	1,6%	5,2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

3.20. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Sul

3.10 Amigos

Pouco mais de 45% dos alunos pesquisados afirmam ter mais de cinco bons amigos na escola. 22% deles apontam que têm dois ou três bons amigos na escola e 15% deles, que têm quatro ou cinco bons amigos. Percentuais mais baixos, porém significativos, de alunos têm perfil mais solitário no ambiente escolar: 10% afirmam ter apenas um bom amigo na escola e 7% não tem nenhum bom amigo, como detalhado na tabela a seguir.

Total de bons amigos	Qt. de alunos	Percentual
Mais de cinco	2349	45,5%
Dois ou três	1133	21,9%
Quatro ou cinco	785	15,2%
Tem um	502	9,7%
Não tem	358	6,9%
Em branco	41	0,8%
Total	5168	100,0%

Tabela 3.21. Quantidade de bons amigos na escola

3.11 Ambiente Escolar

A maioria dos alunos pesquisados sente que a escola tem um ambiente acolhedor: 57% afirmam que sempre se sentem bem na escola; 43% deles sempre se sentem acolhidos na escola; 49% deles sempre se sentem amados na escola e 47% deles sempre se sentem seguros na escola.

Apenas 6% dos alunos da amostra declaram que sempre se sentem excluídos na escola e 4% deles se sentem sempre sozinhos. Somente cerca de 3% dos alunos da amostra afirmam que sempre sentem medo na escola e/ou sempre se sentem maltratados e/ou angustiados e/ou humilhados.

Entretanto, 43,6% dos alunos às vezes se sentem angustiados na escola, 38,8% às vezes se sentem sozinhos e 36,3% às vezes se sentem com medo. 10,10% nunca se sentem seguros e 12,7% nunca se sentem acolhidos.

Não há diferenças significativas na distribuição dessas respostas entre as cinco regiões do País.

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
Acolhido	12,7%	40,8%	43,3%	3,2%	100%
Amado	9,3%	38,7%	49,3%	2,8%	100%
Angustiado	50,2%	43,6%	3,2%	3,0%	100%

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
Bem	4,8%	36,1%	56,8%	2,3%	100%
Com medo	57,5%	36,3%	3,2%	3,1%	100%
Excluído	57,8%	33,5%	5,7%	3,0%	100%
Humilhado	69,0%	26,0%	2,6%	2,3%	100%
Maltratado	70,3%	23,8%	2,7%	3,2%	100%
Seguro	10,1%	39,8%	47,5%	2,7%	100%
Sozinho	54,9%	38,8%	4,0%	2,4%	100%

Tabela 3.22. Como se sentem no ambiente escolar

3.12 Ambiente Familiar

O ambiente familiar também é acolhedor para a maioria dos alunos pesquisados: 70% afirmam que sempre se sentem bem no ambiente familiar; 73% sempre se sentem acolhidos, 80% sempre se sentem amados e 77% sempre se sentem seguros.

Apenas 5% dos alunos dizem que sempre se sentem excluídos no ambiente familiar e 4% deles se sentem sozinhos frequentemente. Apenas 2% afirmam que sempre se sentem com medo e/ou maltratados, e/ou humilhados, e/ou angustiados.

O ambiente familiar às vezes é angustiante para 35,9% dos alunos pesquisados e 25,3% às vezes sentem medo nesse ambiente, como mostra a tabela a seguir.

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
Acolhido	7,80%	17,10%	72,60%	2,40%	100%
Amado	2,60%	14,70%	80,10%	2,60%	100%
Angustiado	59,50%	35,90%	2,30%	2,30%	100%
Bem	5,10%	23,20%	69,60%	2,20%	100%
Com medo	70,10%	25,30%	2,10%	2,50%	100%
Excluído	76,70%	15,80%	4,80%	2,70%	100%
Humilhado	82,90%	13,00%	1,80%	2,40%	100%
Maltratado	82,90%	12,90%	1,70%	2,50%	100%
Seguro	3,00%	16,00%	77,30%	3,80%	100%
Sozinho	68,70%	25,00%	4,40%	1,90%	100%

Tabela 3.23. Como se sentem no ambiente familiar

4 Incidência

Esse capítulo aborda as seguintes perguntas: há maus tratos e *bullying* nas escolas brasileiras? Qual a frequência desse tipo de violência? Quanto tempo ela pode durar? Em que tipo de escola são mais frequentes? Em qual região do País os estudantes sofrem mais esse tipo de violência?

4.1 Incidência de Maus Tratos nas Escolas

A violência é um fenômeno relevante nas escolas brasileiras: cerca de 70% dos alunos pesquisados informam ter visto, pelo menos uma vez, um colega ser maltratado no ambiente escolar no ano de 2009. Quase 9% dos alunos afirmam ter visto colegas serem maltratados várias vezes por semana e outros 10%, que vêem esse tipo de cena todos os dias. Ou seja, cerca de 20% dos alunos presencia atos de violência dentro da escola com uma frequência muito alta, o que é um indício de que o *bullying* está presente significativamente nas escolas investigadas.

Viu colega ser maltratado	Quantidade	Percentual
Não vi	1468	28,4%
Vi 1 ou 2	1834	35,5%
Vi de 3 a 6	531	10,3%
1 vez por sem	262	5,1%
Vários por sem	461	8,9%
Todos os dias	522	10,1%
Em branco	90	1,7%
Total geral	5168	100%

Tabela 4.1. Alunos que viram colegas serem maltratados no ano de 2009

Os depoimentos de alunos, pais, professores e equipe técnica, coletados na etapa qualitativa da pesquisa, também fornecem evidências de que a prática dos maus tratos é bastante comum entre os estudantes e estão presentes nas escolas das cinco regiões do Brasil estudadas nesta pesquisa.

Desagregando os dados quantitativos pelas cinco regiões do País, na tabela a seguir, observa-se que, em 2009, os maus tratos entre colegas foram mais frequentes nas escolas do Sudeste. Na sequência estão as escolas do Centro-Oeste, Sul, Nordeste e as do Norte. O *bullying* também segue esta distribuição, sendo que a diferença entre os extremos é significativa: no Sudeste a porcentagem

de alunos que viu colegas serem mal tratados mais de três vezes no ano de 2009 é de aproximadamente 47%, enquanto no Norte esse número cai pela metade, chegando a 23,7%.

Viu colega ser maltratado	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Não vi	22,8%	36,7%	39,0%	17,7%	28,0%	28,4%
Vi 1 ou 2	37,9%	37,9%	30,6%	33,9%	37,5%	35,5%
Vi de 3 a 6	13,1%	7,3%	6,8%	13,8%	9,8%	10,3%
1 vez por sem	3,9%	4,4%	5,4%	5,5%	6,3%	5,1%
Vários por sem	8,9%	6,1%	6,7%	12,5%	9,8%	8,9%
Todos os dias	11,0%	5,9%	10,0%	15,2%	7,2%	10,1%
Em branco	2,4%	1,7%	1,6%	1,5%	1,5%	1,7%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 4.2. Alunos que viram colegas serem maltratados no ano de 2009 por região do País

A incidência de maus tratos entre colegas e do bullying nas escolas será descrita em duas dimensões complementares que serão apresentadas a seguir: i) casos de vítimas e ii) casos de agressores.

4.2 Maus tratos e *Bullying* nas Escolas: Incidência de Casos de Vítimas

Os dados quantitativos revelam que 28% da amostra total de alunos afirmam ter sido vítimas de maus tratos por parte de colegas ao menos uma vez no ano de 2009, como pode ser observado na tabela a seguir. Quase 10% da amostra relatam ter sofrido maus tratos três ou mais vezes no mesmo ano, o que, para fins dessa pesquisa, é caracterizado como *bullying*. Portanto, pode-se afirmar que cerca de 10% de todos participantes da pesquisa declararam que foram vítimas⁶ desse fenômeno no ano de referência. Essa porcentagem é considerada significativa por si, mas se for considerado o fato de que a natureza do fenômeno investigado pode provocar constrangimento na vítima ao relatá-lo, o número obtido em campo pode estar subestimado.

Apesar de 71% dos alunos pesquisados afirmarem que não foram vítimas de maus tratos na escola durante o ano de 2009, as respostas dadas por esse mesmo grupo a outras questões da etapa quantitativa da pesquisa revelam frequências mais elevadas tanto de maus tratos quanto de *bullying*. Isso indica que, ao longo da aplicação do questionário, o constrangimento inicial de alguns alunos foi superado. Por essa razão as tabelas e gráficos das sessões posteriores apresentam frequências

⁶ Os estudantes não se auto-declararam diretamente como vítimas de *bullying*, mas como vítimas de maus tratos. Essa é uma classificação analítica feita com base nas respostas às questões propostas, principalmente com base na resposta à pergunta sobre a frequência da agressão.

diferentes para a incidência de maus tratos e *bullying*, reforçando a inferência de que o percentual de vítimas é superior aos 10% captados com respostas diretas a essa questão do formulário.

Frequência dos maus tratos	Quantidade de alunos	Percentual
Não fui maltratado	3666	70,9%
Fui 1 ou 2 vezes	940	18,2%
Fui de 3 a 6 vezes	198	3,8%
1 vez por sem	71	1,4%
Várias vezes por sem	140	2,7%
Todos os dias	90	1,7%
Em branco	63	1,2%
Total geral	5168	100%

Tabela 4.3. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (vítimas)

Quanto aos padrões de incidência de maus tratos nas cinco regiões pesquisadas, verifica-se, na tabela abaixo, que as vítimas de maus tratos na escola estão presentes com mais elevada frequência (39%) entre os estudantes das escolas do Sudeste, se comparados esses dados com os das outras quatro regiões. O Sudeste é seguido por Centro-Oeste, Sul e, depois, com menor frequência (21%), Norte e Nordeste.

Frequência de maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Não fui maltratado	66,7%	77,3%	77,8%	59,6%	76,0%	70,9%
Fui 1 ou 2 vezes	20,3%	15,8%	14,8%	23,9%	14,6%	18,2%
Fui de 3 a 6 vezes	4,0%	1,9%	2,6%	6,3%	3,8%	3,8%
1 vez por sem	1,5%	1,0%	1,2%	2,0%	1,1%	1,4%
Várias vezes por sem	3,8%	1,0%	1,0%	4,9%	2,4%	2,7%
Todos os dias	2,4%	1,5%	1,4%	2,3%	1,1%	1,7%
Em branco	1,3%	1,6%	1,1%	1,1%	1,0%	1,2%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 4.4. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 por região do País (vítimas)

A ocorrência de *bullying* nas cinco regiões no País segue uma distribuição semelhante à observada para maus tratos, sendo mais frequente entre os estudantes da região Sudeste: 15,5% deles foram vítimas de *bullying* em 2009. Na sequência estão: Centro-oeste (11,7%), Sul (8,4%), Norte (6,2%) e Nordeste (5,4%). No Sudeste, região com maior incidência de vítimas de *bullying*, esse número é quase três vezes maior que no Nordeste, região com menor incidência. Essas diferenças ficam mais evidentes no gráfico a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não foram

vítimas de maus tratos, ou o foram por uma ou duas vezes, e “Beta” refere-se ao grupo de alunos que foram vítimas de maus tratos por mais de três vezes no ano de 2009, ou seja, neste estudo caracterizados como vítimas de *bullying*⁷.

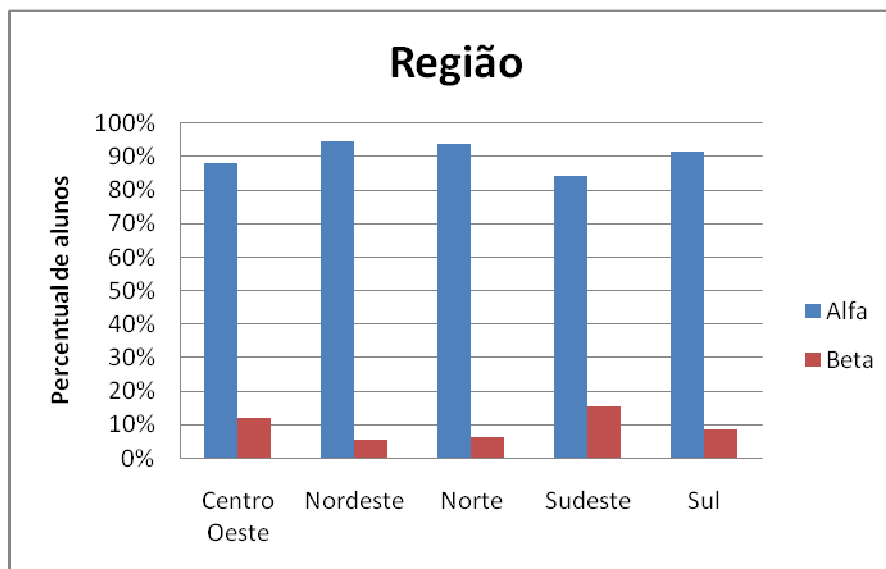


Tabela 4.5. Vítimas de bullying (Beta) por região do País

A incidência do *bullying* pode ser avaliada não só pelo número de vezes em que o mau trato se repete, mas também pelo tempo que ele dura. Quanto mais duradouro for um mau trato, mais ele se aproxima das características do *bullying*. A tabela a seguir apresenta os dados para a incidência temporal do *bullying* escolar, a partir das informações dadas pelas vítimas.

Duração dos maus tratos	Total	Percentual
Não fui maltratado	3447	66,7%
Durou uma semana	758	14,7%
Durou várias semanas	340	6,6%
Desde o ano passado	160	3,1%
Todo este ano	212	4,1%
Em branco	251	4,9%
Total geral	5168	100%

Tabela 4.6. Duração dos maus tratos na escola

Uma semana é o período de duração mais frequente de ocorrência de maus tratos de acordo com os alunos respondentes, sendo observado em quase 15% daqueles que foram vítimas dessa

⁷ Nas tabelas e gráficos seguintes, quando feita a mesma segmentação, Alfa representa o grupo de alunos que não sofreu *bullying* e Beta representa o grupo de alunos que sofreu *bullying*.

situação de violência. Períodos mais longos de maus tratos, englobando intervalos de tempo de várias semanas ou meses, são citados por cerca de 14% dos alunos da amostra.

A tabela a seguir revela um fenômeno relevante: quando os maus tratos são mais frequentes, repetindo-se por várias vezes na semana ou diariamente, o tempo de sua duração também é superior: dura várias semanas ou meses. Na medida em que os maus tratos são menos frequentes, o período de duração também é inferior. Ou seja, quanto mais frequentes os atos de *bullying*, maior a tendência de que sejam mais duradouros.

Duração dos maus tratos	Frequência dos maus tratos							Total geral
	Não fui	Fui 1 ou 2 vezes	Fui de 3 a 6 vezes	1 vez por sem	Várias vezes por sem	Todos os dias	Em branco	
Não fui maltratado	88,9%	14,0%	10,6%	5,6%	5,7%	3,3%	30,2%	66,7%
Uma semana	2,6%	56,2%	37,4%	35,2%	16,4%	13,3%	3,2%	14,7%
Várias semanas	1,9%	12,7%	27,3%	23,9%	33,6%	33,3%	4,8%	6,6%
Desde o ano passado	0,8%	4,7%	12,6%	9,9%	20,7%	24,4%	4,8%	3,1%
Todo este ano	1,6%	7,4%	8,6%	18,3%	20,7%	24,4%	3,2%	4,1%
Em branco	4,2%	5,0%	3,5%	7,0%	2,9%	1,1%	54,0%	4,9%
Total geral	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 4.7. Duração dos maus tratos na escola por frequência dos maus tratos

4.3 Maus tratos e *Bullying* nas Escolas: Incidência de Casos de Agressores

A apresentação dos dados sobre a incidência dos casos de vítimas de maus tratos e de *bullying* nas escolas é enriquecida pelas informações sobre incidência dos casos de agressores. Sendo as duas dimensões opostas e complementares do mesmo fenômeno, era esperado que as porcentagens de incidência se assemelhassem, o que, de fato, pode ser observado.

Pouco mais de 29% dos alunos pesquisados afirmam que já maltrataram colegas no ambiente escolar pelo menos uma vez no ano de 2009, número muito semelhante à incidência das vítimas de maus tratos. Os dados coletados revelam que 10% da amostra de alunos afirmam ter praticado *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009), porcentagem que converge com a incidência de vítimas desse fenômeno captada pela pesquisa.

Frequência dos maus tratos	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3589	69,4%
1 ou 2 vezes	989	19,1%
De 3 a 6 vezes	194	3,8%

Frequência dos maus tratos	Quantidade	Percentual
Uma vez por semana	81	1,6%
Várias vezes por semana	100	1,9%
Todos os dias	139	2,7%
Em branco	76	1,5%
Total geral	5168	100%

Tabela 4.8. Frequência dos maus tratos a colega(s) em 2009 (agressores)

Para complementar a identificação da incidência do *bullying* nas diferentes regiões do País, a dimensão dos agressores também é analisada. Para isso é considerada a porcentagem de agressores dentre o total de alunos das subamostras pesquisadas.

Aqui, diferentemente do que é possível observar na dimensão das vítimas, a presença de agressores é um pouco maior entre os alunos da região Centro-Oeste, índice seguido pelo do Sudeste. No Centro-Oeste, 14% da amostra de alunos praticaram o *bullying*, enquanto no Sudeste esse número está em 12%. Na sequência, estão o Norte (9%), o Sul (8%) e o Nordeste (7%).

A análise de informações das duas dimensões complementares - vítimas e agressores – indica que a maior incidência de *bullying* está nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Revela, também, que as escolas da região Nordeste são aquelas que parecem apresentar os menores indicadores desse tipo de violência. Na tabela abaixo e nas seguintes, o grupo N é composto pelos estudantes que não praticaram *bullying* (nunca maltrataram um colega ou o fizeram uma ou duas vezes no ano de 2009). Já o grupo M é composto pelos estudantes que praticaram *bullying* (maltrataram um colega mais de três vezes no ano de referência).

Região	Grupo N	Grupo M	Total
Centro-Oeste	86,0%	14,0%	100%
Nordeste	92,9%	7,1%	100%
Norte	90,8%	9,2%	100%
Sudeste	87,9%	12,1%	100%
Sul	92,4%	7,6%	100%
Total geral	89,9%	10,1%	100%

Tabela 4.9. Frequência dos maus tratos a colega(s) em 2009 (agressores - Grupo M) por região do País

4.4 Considerações Finais

Os dados coletados na etapa quantitativa da pesquisa realizada com alunos, levando em conta as dimensões das vítimas e dos agressores, revelam que os maus tratos entre pares no ambiente

escolar estão presentes em cerca de 30% da amostra pesquisada. O *bullying* foi verificado em 10% dessa amostra, com ocorrências mais frequentes nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Não há diferença significativa na incidência do *bullying* entre as escolas das capitais e das cidades do interior pesquisadas. Quanto mais frequentes se tornam os atos de violência contra um aluno, mais tempo esses atos tendem a durar ao longo do ano letivo.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa mostram que, para os alunos entrevistados, o termo *bullying* é praticamente desconhecido, com poucas exceções de alguns que já o tinham ouvido na mídia. No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida por todos e associada a episódios de maus tratos na escola. Sem exceção, todos os alunos entrevistados são capazes de identificar e/ou relatar casos de *bullying* presenciados ou nos quais estavam envolvidos.

Na opinião da maioria dos professores entrevistados, o *bullying* é um fenômeno comum e recorrente nas escolas. Um dos aspectos levantados por muitos professores é que esse tipo de comportamento sempre existiu ao lado de outras formas de interação entre os adolescentes, porém, não com a nomenclatura “*bullying*”.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa permitem afirmar que, embora seja um fenômeno presente na grande maioria das escolas, o *bullying* não é facilmente diferenciado de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Observa-se, inclusive, uma resistência da maioria dos informantes em reconhecer o termo e seu conceito, provavelmente em função do pouco conhecimento sobre eles.

Portanto, não é simples a resposta para a pergunta de pesquisa “há *bullying* na opinião da equipe escolar?” É possível concluir que, na parcela da realidade brasileira captada pela pesquisa, há uma variedade de formas de comportamentos e ações violentas, as quais por vezes se caracterizam como *bullying*, mas raramente são reconhecidas como tal.

5 Causas

Esse capítulo aborda as possíveis causas do *bullying* em ambiente escolar, de acordo com as opiniões de professores, pais e alunos coletadas durante os grupos focais realizados nas escolas. Fundamentado principalmente em dados qualitativos, o capítulo apresenta os aspectos mais citados a respeito dos fatores que podem gerar e manter atitudes agressivas dos alunos, nas dimensões escolar, familiar e de relacionamento entre os alunos.

5.1 Escola

Embora professores e gestores das escolas não tenham citado espontaneamente a si próprios ou a escola como elementos que poderiam influenciar o surgimento de atitudes agressivas por parte dos alunos, posteriormente eles apontaram deficiências do sistema escolar como possíveis determinantes dessa violência. Na opinião deles, os elementos intrínsecos à estrutura escolar/educacional que podem ter relação com o surgimento de comportamentos violentos são: i) número excessivo de alunos em sala de aula, ii) dificuldades da escola em lidar com problemas da família do aluno, iii) falta de preparação e habilidade de professores para educar sem uso de coerção e agressão, iv) estrutura física inadequada e v) falta de espaços para que os alunos expressem suas emoções e dificuldades pessoais.

Embora a opinião de pais e responsáveis sobre como o sistema escolar gera e mantém o *bullying* seja diferente de como os professores e gestores se expressaram, acredita-se que os elementos citados por esses dois grupos podem estar, de alguma forma, relacionados. Para pais e responsáveis, o ambiente escolar apresenta falta de hierarquia e autoridade, o que gera um excesso de liberdade e propicia a impunidade dos agressores. Os pais reiteram que a falta de limites e omissão dos professores e funcionários são fatores de fortalecimento dos comportamentos violentos, pois permitem a ocorrência de ações agressivas dos alunos e sua repetição sem que exista perspectiva de que a violência seja eliminada.

5.2 Família

Na opinião dos professores, a origem dos maus tratos e do *bullying* no ambiente escolar é, em grande parte, familiar. Os professores acreditam que o ambiente familiar não socializa a criança para o convívio social e estimula que ele empregue comportamentos violentos na escola. De acordo com os discursos dos professores a influência da família se realiza das seguintes formas:

- i) A ocorrência de violência doméstica estimula comportamentos violentos fora do seio da família. Ao conviver com a violência no seio da família, a criança aprenderia a resolver seus conflitos por meio de agressões, tanto verbais quanto físicas.
- ii) A negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e sua omissão em relação ao desenvolvimento pessoal e à aprendizagem escolar. A criança não aprenderia a valorizar os conhecimentos e experiências desenvolvidas no ambiente escolar.
- iii) A falta de apoio emocional, a depreciação e estigmatização dos filhos pelos pais, o que geraria crianças inseguras, com dificuldades de relacionamento interpessoal, com baixa auto-estima e necessidade de obter aceitação social através de atitudes agressivas de auto-afirmação e pertencimento ao grupo.

Os próprios pais também citaram a negligência da família como causa dos maus tratos e do *bullying* no ambiente escolar. Na percepção destes, pais negligentes tendem a ter filhos com comportamentos agressivos na escola, pois a agressividade é um meio da criança obter atenção tanto dos próprios pais, quanto de professores e colegas.

5.3 Alunos

De acordo com os relatos dos alunos nos grupos focais, as causas do *bullying* e de outros comportamentos agressivos no ambiente escolar são, de maneira geral, as seguintes:

- i) Emprego generalizado de apelidos e agressões verbais como formas de brincadeira. Os alunos relataram que, muitas vezes, uma situação violenta é consequência de uma brincadeira que sai do controle dos envolvidos. Os alunos afirmaram, ainda, que é muito difícil para eles estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões.
- ii) Dificuldades emocionais e de relacionamento interpessoal dos agressores. Para os alunos, a prática de *bullying* acontece também porque os agressores não conseguem lidar com seus problemas pessoais e mascaram sua fragilidade com manifestações agressivas de poder. Os alunos acreditam que, mais do que a vítima, o agressor revela problemas decorrentes de

insegurança e exclusão e praticam as agressões como forma de driblá-los, a fim de que sejam aceitos e respeitados pelo grupo.

- iii) Necessidade de pertencer a um grupo e se ajustar a suas demandas. Os alunos acham que a diferenciação de grupos dentro do ambiente escolar (conhecidos como “panelinhas”) facilita o aparecimento de conflitos e comportamentos que expressam o desejo de conquistar popularidade e ser aceito.

Os dados levantados na etapa quantitativa sobre as causas para os maus tratos reforçam essas opiniões. As respostas mais frequentes à pergunta “por que você acha que alguns colegas maltratam outros?” dadas pelos os alunos que responderam ao questionário foram, na sequência: “porque querem ser populares, “não sei dizer”, “por brincadeira” e “querem dominar o grupo”. As respostas a essa questão revelam, ainda, que os maus tratos entre colegas no ambiente escolar podem ocorrer porque: o agressor é mais forte do que a vítima, a vítima não reage, a vítima é diferente, os agressores não são punidos pela escola, sentem-se provocados e acham que a as vítimas merecem:

Motivações	Quantidade	Percentual
Não vi	646	7,18%
Querem ser populares	1514	16,84%
Não sei dizer	1166	12,97%
Por brincadeira	1042	11,59%
Querem dominar o grupo	853	9,49%
São mais fortes	809	9,00%
Vítimas não reagem	734	8,16%
Porque a vítima é diferente	610	6,78%
Não são punidos	586	6,52%
Sentem provocados	448	4,98%
Acham que vítimas merecem	335	3,73%
Outros	248	2,76%
Total geral	8991	100,00%

Tabela 5.1 Motivações para os maus tratos

Segundo a tabela 7.10, apresentada no capítulo 7, as vítimas assinalaram com maior frequência as alternativas “não sei”, “por brincadeira” e “querem ser populares”. Quanto às respostas dadas pelos agressores à pergunta “por que você maltratou colegas na escola no ano letivo de 2009?” (tabela 7.18, capítulo 7), as mais frequentes foram, em sequência: “porque me sinto provocado”, “por brincadeira”, “não sei” e “porque acho que eles(as) merecem”.

Nota-se que a opção “por brincadeira” está entre as alternativas que foram assinaladas com maior frequência nas tabelas 5.1, 7.10 e 7.18. As tabelas revelam, ainda, que há alunos que não

sabem informar as causas para os maus tratos, já que a alternativa “não sei” também está entre as mais frequentemente assinaladas.

Os professores também apontam que a agressão aos colegas está relacionada à insegurança, dificuldade de relacionamento interpessoal, baixa auto-estima e necessidade de buscar aceitação social dos alunos agressores. Para os docentes, o ato dos alunos agredirem os colegas é uma forma de obter elevação do status e do domínio sobre os demais.

Para os pais e responsáveis, por sua vez, o desejo de popularidade e de aceitação no grupo social também são fatores propulsores do *bullying*. Eles acrescentam, no entanto, que a agressão é um meio da criança obter atenção tanto dos colegas, quanto dos professores e dos próprios pais.

É importante ressaltar que, para os agressores, a vontade de ser popular e de dominar o grupo não está entre as causas mais frequentes para as agressões (tabela 7.18), diferindo da visão geral dos alunos, pais e professores. Provavelmente porque para o próprio agressor essas necessidades de auto-afirmação não sejam tão conscientes, ou porque se sintam constrangidos em admiti-las.

Para as vítimas (tabela 7.10) e alunos em geral (tabela 5.1), o fato de a vítima ser diferente dos demais e não reagir à agressão parece ser mais significativo como causa dos maus tratos do que para os agressores. Os agressores afirmaram com mais frequência do que as vítimas e alunos em geral que as vítimas merecem ser maltratadas justificando, do seu ponto de vista, que elas desencadeiam a manifestação da violência.

5.4 Outras Causas

Professores e gestores citaram a influência negativa da mídia como possível causa da violência escolar. Eles dizem acreditar que a mídia banaliza a violência e, por consequência, torna justificáveis os comportamentos agressivos das crianças e jovens. Todos os tipos de mídia foram citados, com ênfase para a TV e internet, os quais são os meios de comunicação mais acessados pelos alunos pesquisados, como apresentado no capítulo 3.

5.5 Considerações Finais

Os discursos dos alunos, pais e professores sobre as possíveis causas do *bullying* apresentam pontos em comum. O desejo de popularidade, a necessidade de aceitação social e a busca de *status* e poder dentro do grupo foram elementos apontados por professores, alunos e pais como as possíveis causas de maus tratos entre colegas e *bullying* no ambiente escolar.

O discurso dos professores diferencia-se por sinalizar, de forma crítica, a influência da família na geração e manutenção de comportamentos agressivos e violentos dos alunos. A violência familiar, a negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e a falta de apoio emocional e estigmatização por parte da própria família foram os aspectos salientados pelos docentes.

Já os pais, mais que os outros dois grupos, têm uma visão muito crítica a respeito da atuação da escola e do seu papel na prevenção da violência escolar. Seu discurso caracteriza-se por criticar a omissão da escola, dos professores e dos gestores em evitar as situações de violência, punir os agressores e proteger as vítimas. A falta de autoridade de professores e funcionários, assim como a impunidade dos agressores, foram citadas pelos pais como fatores que estimulam as práticas de maus tratos entre os colegas.

Comparando-se as ênfases dos discursos de pais e professores, parece haver uma situação em que cada um destes grupos está “jogando” para o outro a responsabilidade de evitar episódios de maus tratos no ambiente escolar. Diferentemente dos professores e gestores, que só assumiram a responsabilidade da escola após serem questionados sobre isso, os pais sinalizaram de forma espontânea a sua própria responsabilidade por tais ocorrências. Percebe-se, no entanto, que quando estimulados à reflexão, professores e gestores foram capazes de perceber o papel da escola no desenvolvimento e/ou na manutenção de comportamentos violentos.

A pesquisa evidenciou, ainda, a dificuldade dos alunos em diagnosticar as causas do *bullying*, assim como em estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões. A dificuldade que eles têm de diferenciar brincadeira e agressão faz com que situações de violência surjam da falta de limites para as brincadeiras, muitas vezes sem que os próprios envolvidos se dêem conta da gravidade da situação.

6 Modos de Manifestação

Este capítulo trata das formas pelas quais os maus tratos entre alunos e o *bullying* em ambiente escolar se manifestam. Com base em dados qualitativos e quantitativos, o capítulo aborda as características das práticas mais comuns de maus tratos entre colegas, os espaços da escola em que elas se manifestam e a quantidade de agressores que se envolve nas situações de violência.

6.1 Práticas

De acordo com professores, alunos e pais, o modo de manifestação mais frequente de maus tratos entre alunos é a agressão verbal por meio de apelidos e xingamentos. Os professores entrevistados declaram que o uso da agressão verbal na sala de aula e em outros espaços do ambiente escolar é uma forma rotineira de tratamento entre os alunos. Os professores acreditam que, na maioria das vezes, os próprios alunos nem percebem que esse tipo de relacionamento é inadequado e pode gerar situações de violência. Ainda que chamem a atenção para o fato de que boa parte das agressões é gratuita e, aparentemente, inócuas, os docentes relatam que esses apelidos geralmente estão relacionados a características físicas marcantes (altura, sobrepeso, padrões de beleza, uso de óculos ou aparelhos dentários etc.) ou provenientes de necessidades especiais. Segundo os professores, tais apelidos e brincadeiras podem ser motivados também por discriminação de cor / etnia, *status* social e traços de comportamento sexual.

De acordo com os dados da etapa qualitativa da pesquisa, para os alunos, a agressão verbal na forma de xingamentos e apelidos é a manifestação mais comum e frequente de *bullying*. Os dados quantitativos reiteram essa afirmação, principalmente do ponto de vista das vítimas.

Para a questão “de que maneira você tem sido maltratado na escola no ano de 2009?”, as cinco respostas mais frequentes fornecidas pelas vítimas de maus tratos entre colegas são diferentes tipos de agressões verbais, tais como apelidos, xingamentos, insultos e ameaças. Conforme tabela a seguir, as opções mais citadas foram: i) “xingaram-me” (9,8%), ii) “colocaram apelidos vexatórios me mim” (5,7%), iii) “me ameaçaram” (4,8%), iv) “disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família” e v) “insultaram-me por causa de alguma característica física” (4,5%).

A distribuição das respostas para essa questão é muito semelhante nas diferentes regiões do País, sendo que as frequências em porcentagem de todas as opções são um pouco superiores nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, onde a incidência de maus tratos e de *bullying* é maior.

Manifestações de maus tratos	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado(a) na escola em 2009.	3482	42,8%
Xingaram-me	795	9,8%
Colocaram apelidos vexatórios em mim	464	5,7%
Me ameaçaram	393	4,8%
Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família	384	4,7%
Insultaram-me por causa de alguma característica física	369	4,5%
Deram-me socos, pontapés ou empurrões	312	3,8%
Deram risadas e apontaram para mim	305	3,7%
Fizeram com que os outros não gostassem de mim	277	3,4%
Inventaram que peguei coisas dos colegas	183	2,2%
Puxaram meu cabelo ou me arranharam	162	2,0%
Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas	157	1,9%
Estragaram minhas coisas	135	1,7%
Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"	120	1,5%
Insultaram-me por causa da minha cor ou raça	119	1,5%
Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas	88	1,1%
Fizeram zoações por causa do meu sotaque	63	0,8%
Encurralaram-me contra a parede	57	0,7%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega	57	0,7%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual	56	0,7%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola	54	0,7%
Assediaram-me sexualmente	47	0,6%
Fui obrigado (a) a entregar dinheiro ou minhas coisas	39	0,5%
Abusaram sexualmente de mim	18	0,2%
Total	8136	100,0%

Tabela 6.1. Respostas das vítimas para modos de manifestação de maus tratos

Como mostra a tabela a seguir, todos os tipos de maus tratos relatados pelas vítimas tendem a durar o tempo de uma semana. Cerca de metade das ocorrências de todos os tipos de maus tratos listados dura uma semana. Porém, porcentagens menores, mas significativas, das ocorrências desses maus tratos têm duração de mais de uma semana e até de meses.

Manifestações de maus tratos	uma semana	várias semanas	Todo este ano	Desde o ano passado	Total
Xingaram-me	52,6%	20,2%	13,8%	13,4%	100,0%
Colocaram apelidos vexatórios em mim	44,1%	24,4%	16,2%	15,3%	100,0%
Insultaram-me por causa de alguma característica física	45,3%	21,2%	15,4%	18,0%	100,0%

Manifestações de maus tratos	uma semana	várias semanas	Todo este ano	Desde o ano passado	Total
Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família	44,5%	26,1%	15,5%	13,9%	100,0%
Me ameaçaram	48,7%	24,4%	14,9%	12,0%	100,0%
Deram-me socos, pontapés ou empurrões	53,0%	20,9%	13,4%	12,6%	100,0%
Deram risadas e apontaram para mim	49,4%	24,5%	11,2%	15,0%	100,0%
Fizeram com que os outros não gostassem de mim	42,5%	23,4%	14,5%	19,6%	100,0%
Inventaram que peguei coisas dos colegas	48,5%	19,2%	19,2%	13,1%	100,0%
Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas	41,5%	18,7%	21,1%	18,7%	100,0%
Puxaram meu cabelo ou me arranharam	49,6%	16,5%	16,5%	17,4%	100,0%
Estragaram minhas coisas	43,4%	23,6%	14,2%	18,9%	100,0%
Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"	37,2%	23,4%	14,9%	24,5%	100,0%
Insultaram-me por causa da minha cor ou raça	40,7%	19,8%	20,9%	18,6%	100,0%
Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas	42,4%	19,7%	27,3%	10,6%	100,0%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola	34,7%	26,5%	14,3%	24,5%	100,0%
Fizeram zoações por causa do meu sotaque	37,8%	24,4%	15,6%	22,2%	100,0%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega	38,1%	28,6%	11,9%	21,4%	100,0%
Encurralaram-me contra a parede	43,9%	22,0%	9,8%	24,4%	100,0%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual	45,0%	27,5%	10,0%	17,5%	100,0%
Assediaram-me sexualmente	47,2%	11,1%	16,7%	25,0%	100,0%
Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas	59,3%	11,1%	7,4%	22,2%	100,0%
Abusaram sexualmente de mim	36,4%	27,3%	0,0%	36,4%	100,0%

Tabela 6.2. Respostas das vítimas sobre modos de manifestação de maus tratos por seu tempo duração

Já a análise das respostas dos agressores mostra que ainda que os xingamentos sejam o modo mais comum de agressão entre colegas na escola, outras formas de violência também são praticadas, por exemplo, a violência física (com socos, pontapés, empurrões, arranhões e puxões de cabelo), que é citada pelas vítimas em menores porcentagens.

A tabela abaixo mostra que a opção “xinguei” foi a mais citada pelos alunos que afirmam ter maltratado colegas, com 12% das respostas para pergunta que questionava sobre as formas de maus tratos praticadas por eles. A segunda resposta mais citada para essa mesma pergunta é “dei socos, pontapés e empurrões” (5,9%), a terceira é “dei risadas e aponte o dedo” (3,7%) e a quarta, “fiz ameaças”. Para essa questão, a distribuição das respostas entre as cinco regiões do País também se assemelha, e as porcentagens também são mais altas no Sudeste e no Centro-Oeste.

Manifestações de maus tratos	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3614	55,7%
Xinguei	778	12,0%
Dei socos, pontapés ou empurrões	381	5,9%
Dei risadas e aponte o dedo	237	3,7%
Fiz ameaças	208	3,2%
Coloquei apelidos vexatórios	173	2,7%
Puxei o cabelo ou arranhei	162	2,5%
Ignorei completamente	146	2,3%
Insultei por causa de alguma característica física	129	2,0%
Disse coisas maldosas sobre ele(s) ou sobre sua(s) família	91	1,4%
Humilhei por causa da orientação sexual	73	1,1%
Não deixei fazer parte do grupo de colegas	63	1,0%
Insultei por causa da cor ou raça	60	0,9%
Estraguei coisas das pessoas	53	0,8%
Fiz zoações por causa do sotaque	53	0,8%
Obriguei a me entregar dinheiro ou coisas	45	0,7%
Encurrelei contra a parede	40	0,6%
Fiz ou tentei fazer com que os outros não gostassem dele	39	0,6%
Peguei sem consentimento dinheiro ou coisas	33	0,5%
Persegui dentro ou fora da escola	29	0,4%
Assediei sexualmente	26	0,4%
Inventei que pegaram coisas dos colegas	22	0,3%
Forcei a agredir outro colega	15	0,2%
Abusei sexualmente	13	0,2%
Total	6483	100,0%

Tabela 6.3. Respostas dos agressores para modos de manifestação dos maus tratos

Os dados apontam alguma incoerência entre as respostas sobre modos de maus tratos relatados por vítimas e agressores, já que estes últimos citam com frequência significativa tipos específicos de maus tratos (agressões físicas) pouco apontados pelas vítimas. Isso pode se dar porque, para as vítimas, é mais difícil assumir ter sido alvo de agressão física do que de agressão verbal, a qual, muitas vezes é interpretada pelos alunos como brincadeira. Enquanto apelidos e mesmo alguns xingamentos são considerados por eles uma forma aceitável de interação, as agressões físicas são consideradas mais sérias e identificadas como atos de violência, de fato, e há, portanto, constrangimento em se declarar vítima desse tipo de prática.

6.2 Espaços da escola em que as agressões se manifestam

Os dados mostram que as agressões ocorrem, principalmente, dentro da sala de aula, com ou sem a presença do professor. Para a pergunta “onde você foi maltratado na escola no ano de 2009?”, a resposta mais citada pelas vítimas é “na sala de aula sem professor” (13%), seguida pelas opções “na sala de aula com professor” (9%) e “no pátio do recreio” (8%), como pode ser observado na tabela a seguir. Os dados desagregados por região mostram que a distribuição das respostas para essa questão se assemelha nas diversas áreas do País. Porém, no Sudeste a opção “no pátio do recreio” se mostra mais frequente que nas demais regiões, ocupando o espaço de segunda resposta mais citada.

Espaço da escola	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3572	57,0%
Na sala de aula sem professor	800	12,8%
Na sala de aula com professor	548	8,7%
No pátio de recreio	495	7,9%
Nos corredores	329	5,3%
Outros	173	2,8%
Nos portões da escola	115	1,8%
No banheiro	92	1,5%
No trajeto escola-casa	77	1,2%
No transporte escolar	62	1,0%
Total geral	6263	100,0%

Tabela 6.4. Respostas das vítimas para local onde ocorreram os maus tratos

A tabela aponta que agressões acontecem justamente nos espaços onde podem ser mais visíveis a docentes e funcionários e onde a autoridade destes deveria se fazer mais eficiente: salas de aula e pátio. Espaços de pouca visibilidade, como banheiros e corredores, são pouco citados e espaços que se encontram no limite entre a escola e seu ambiente externo, como os portões da escola ou no transporte escolar, também são referidos com pouca frequência.

A respeito desse dado, os professores, em seus discursos, defendem-se alegando que uma das características do *bullying* é o fato de ser “silencioso”. Os docentes declaram que a prática dos maus tratos entre os alunos é identificada por eles muito tempo após seu início, ou nem é percebida, pois se manifesta nos “bastidores” das aulas e atividades. Isso acontece também, os professores dizem, porque as vítimas tendem a não se manifestar ou reclamar das agressões.

6.3 Quantidade de Agressores

Conforme tabela a seguir, a maioria dos alunos que afirma ter sido vítima de maus tratos declara ter sofrido agressão principalmente por um colega (16%). Cerca de 6% deles afirmam que foram maltratados por um grupo de até cinco colegas e apenas 1,5% deles alegam que o grupo de agressores tinha mais de cinco colegas. A distribuição das frequências não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País.

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3558	68,8%
Principalmente por 1 colega	829	16,0%
Por grupo de até 5 colegas	298	5,8%
Não sei dizer quantos	259	5,0%
Por grupo de mais de 5 colegas	76	1,5%
Por toda a turma	60	1,2%
Em branco	88	1,7%
Total	5168	100,0%

Tabela 6.5. Respostas das vítimas para quantidade de agressores

Como mostra a tabela abaixo, de acordo com resposta das vítimas, todos os tipos de maus tratos são cometidos com maior frequência por apenas um agressor.

Manifestações de maus tratos	Principalmente por 1 colega	Grupo de até 5 colegas	Grupo de mais de 5 colegas	Toda a turma	Não sei quantos	Total
Xingaram-me	51,7%	21,2%	4,6%	3,0%	19,5%	100,0%
Colocaram apelidos vexatórios em mim	43,1%	24,0%	7,4%	4,3%	21,2%	100,0%
Insultaram-me por causa de alguma característica física	44,6%	22,0%	7,2%	3,3%	22,9%	100,0%
Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família	47,1%	20,3%	8,0%	2,5%	22,2%	100,0%
Me ameaçaram	52,2%	19,9%	5,8%	3,2%	18,9%	100,0%
Deram-me socos, pontapés ou empurrões	52,7%	21,5%	5,1%	5,5%	15,3%	100,0%
Deram risadas e apontaram para mim	38,1%	31,0%	6,0%	4,4%	20,6%	100,0%
Fizeram com que os outros não gostassem de mim	48,3%	20,3%	8,1%	2,5%	20,8%	100,0%
Puxaram meu cabelo ou me arranharam	47,2%	16,9%	4,9%	4,9%	26,1%	100,0%

Manifestações de maus tratos	Principalmente por 1 colega	Grupo de até 5 colegas	Grupo de mais de 5 colegas	Toda a turma	Não sei quantos	Total
Inventaram que peguei coisas dos colegas	49,3%	18,3%	8,5%	4,2%	19,7%	100,0%
Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas	36,2%	25,4%	5,4%	8,5%	24,6%	100,0%
Estragaram minhas coisas	42,3%	20,7%	5,4%	3,6%	27,9%	100,0%
Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"	41,7%	30,1%	4,9%	4,9%	18,4%	100,0%
Insultaram-me por causa da minha cor ou raça	49,0%	17,7%	3,1%	7,3%	22,9%	100,0%
Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas	52,9%	19,1%	4,4%	2,9%	20,6%	100,0%
Fizeram zoações por causa do meu sotaque	44,9%	20,4%	4,1%	10,2%	20,4%	100,0%
Encurralaram-me contra a parede	38,8%	22,4%	4,1%	2,0%	32,7%	100,0%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola	37,5%	14,6%	14,6%	6,3%	27,1%	100,0%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega	44,4%	24,4%	6,7%	11,1%	13,3%	100,0%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual	37,2%	23,3%	9,3%	7,0%	23,3%	100,0%
Assediaram-me sexualmente	42,4%	18,2%	9,1%	3,0%	27,3%	100,0%
Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas	33,3%	25,0%	4,2%	20,8%	16,7%	100,0%
Abusaram sexualmente de mim	41,7%	16,7%	0,0%	8,3%	33,3%	100,0%

Tabela 6.6. Respostas das vítimas para modos de manifestação de maus tratos por quantidade de agressores

Esses dados são coerentes com o que apresenta a análise das respostas dos agressores. A tabela a seguir, com a frequência das respostas para a pergunta “quando maltrata colegas na escola, normalmente você faz sozinho ou acompanhado de outros colegas?”, mostra que cerca de 13% dos alunos que assume ter maltratado colegas afirmam que o fizeram sozinhos e 7% destes alegam que o fizeram com apenas um colega. Somente 4,5% dos participantes declaram que praticaram maus tratos com até cinco colegas e 3,5%, com mais de cinco colegas. A distribuição das frequências não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País.

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3540	68,5%
Sozinho	658	12,7%
Com 1 colega	379	7,3%
Com até 5 colegas	233	4,5%

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
Com mais de 5 colegas	183	3,5%
Em branco	175	3,4%
Total	5168	100%

Tabela 6.7. Respostas dos agressores para quantidade de agressores

De acordo com as respostas dos agressores, todos os tipos de maus tratos também são praticados com maior frequência por apenas um agressor:

Manifestações de maus tratos	Sozinho	Com 1 colega	Com até 5 colegas	Com mais de 5 colegas	Total
Xinguei	48,6%	24,3%	15,4%	11,8%	100,0%
Dei socos, pontapés ou empurrões	53,1%	21,1%	11,7%	14,1%	100,0%
Dei risadas e aponte o dedo	35,0%	26,1%	23,2%	15,8%	100,0%
Fiz ameaças	34,1%	30,2%	20,9%	14,8%	100,0%
Coloquei apelidos vexatórios	23,9%	28,4%	31,6%	16,1%	100,0%
Puxei o cabelo ou arranhei	50,7%	27,5%	9,4%	12,3%	100,0%
Ignorei completamente	44,0%	25,0%	24,1%	6,9%	100,0%
Insultei por causa de alguma característica física	33,3%	19,0%	26,7%	21,0%	100,0%
Disse coisas maldosas sobre ele(s) ou sobre sua(s) família	29,4%	25,9%	27,1%	17,6%	100,0%
Humilhei por causa da orientação sexual	25,0%	30,0%	26,7%	18,3%	100,0%
Insultei por causa da cor ou raça	38,0%	24,0%	22,0%	16,0%	100,0%
Não deixei fazer parte do grupo de colegas	35,4%	22,9%	20,8%	20,8%	100,0%
Estraguei coisas das pessoas	37,2%	23,3%	14,0%	25,6%	100,0%
Fiz zoações por causa do sotaque	27,9%	37,2%	16,3%	18,6%	100,0%
Fiz ou tentei fazer com que os outros não gostassem dele	27,8%	22,2%	33,3%	16,7%	100,0%
Obriguei a me entregar dinheiro ou coisas	42,9%	11,4%	11,4%	34,3%	100,0%
Encurrelei contra a parede	45,5%	21,2%	15,2%	18,2%	100,0%
Peguei sem consentimento dinheiro ou coisas	25,0%	10,7%	25,0%	39,3%	100,0%
Persegui dentro ou fora da escola	32,0%	12,0%	24,0%	32,0%	100,0%
Assediei sexualmente	41,2%	11,8%	11,8%	35,3%	100,0%
Inventei que pegaram coisas dos colegas	47,1%	11,8%	11,8%	29,4%	100,0%
Abusei sexualmente	45,5%	9,1%	18,2%	27,3%	100,0%
Forcei a agredir outro colega	60,0%	10,0%	10,0%	20,0%	100,0%

Tabela 6.8. Respostas dos agressores para modos de manifestação de maus tratos por quantidade de agressores

6.4 Considerações Finais

Os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais (xingamentos, apelidos, insultos e ameaças), muitas vezes interpretadas pelos próprios alunos envolvidos como brincadeira. A partir desse dado, e com base em relatos e discursos de professores, pais e alunos das cinco regiões do País, pode-se inferir que tais tipos de agressões verbais são as formas mais comuns de manifestação do *bullying* nas escolas.

Cerca de metade das ocorrências da grande maioria dos tipos de maus tratos elencados pela pesquisa tende a durar o tempo de uma semana, ou seja, esse é o tempo de duração mais frequente das agressões sofridas pelos alunos. Porém, a outra metade das ocorrências dos maus tratos está distribuída entre opções que contemplam períodos de várias semanas e vários meses, o que é um dado significativo.

Os maus tratos acontecem com maior frequência na sala de aula e no pátio do recreio, espaços da escola com boa visibilidade e nos quais o controle da violência entre alunos, por parte de professores e funcionários, deveriam ser mais eficientes.

A análise a respeito da forma como as agressões entre alunos se manifestam na escola indica, ainda, que todos os tipos de maus tratos investigados são praticados, com maior frequência, por um único agressor ou por um agressor principal.

7 Perfil das Vítimas e dos Agressores

Como discutido no capítulo 4, a incidência do *bullying* nas escolas brasileiras está em torno dos 10% e é maior nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Este capítulo apresenta, em linhas gerais, os perfis dos alunos que foram vítimas desse tipo de violência e daqueles que a praticaram.

7.1 Perfil das Vítimas

7.1.1 Características Demográficas

Observa-se entre os alunos pesquisados que os meninos são vítimas de *bullying* com maior frequência do que as meninas. Em 2009, 12% dos meninos foi vítima desse tipo de violência, enquanto para as meninas esse número é um pouco superior a 7,0%. A diferença pode ser significativa ao se considerar as diferenças nos padrões de interação entre meninos e meninas no ambiente escolar, tais como maior uso da força física entre os primeiros.

Frequência dos maus tratos	Menino	Menina
Não fui maltratado	66,4%	75,5%
Fui 1 ou 2 vezes	20,2%	16,1%
Fui de 3 a 6 vezes	4,9%	2,8%
1 vez por sem	1,9%	0,8%
Várias vezes por sem	3,2%	2,3%
Todos os dias	2,0%	1,5%
Em branco	1,4%	1,0%
Total geral	100%	100%

Tabela 7.1. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (vítimas) por sexo

A tabela a seguir indica que os meninos são agredidos mais frequentemente só por outros meninos (50% dos casos de maus tratos). Só 3% da amostra de meninos foi agredida apenas por meninas. Já as meninas são agredidas mais frequentemente tanto por grupos mistos (meninos e meninas), o que corresponde a 25% dos casos de maus tratos, quanto por grupos apenas de meninos, equivalente a 24% das respostas das meninas.

Agressores	Sexo da vítima de maus tratos			Total geral
	Menino	Menina	Em branco	
Só por meninos	49,3%	22,8%	23,8%	37,6%
Por meninos e meninas	15,1%	25,3%	19,0%	19,5%
Não fui maltratado	13,2%	9,2%	9,5%	11,5%
Principalmente por meninos	11,9%	10,9%	4,8%	11,4%
Principalmente por meninas	4,5%	13,7%	4,8%	8,5%
Só por meninas	2,9%	14,5%	28,6%	8,2%
Em branco	3,1%	3,6%	9,5%	3,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.2. Sexo do agressor por sexo das vítimas de maus tratos

Os dados quantitativos permitem notar que a incidência de vítimas de *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009) é maior entre os alunos da quinta e sexta séries do ensino fundamental, conforme tabela a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não sofreu *bullying* e “Beta”, o grupo de alunos que sofreu:

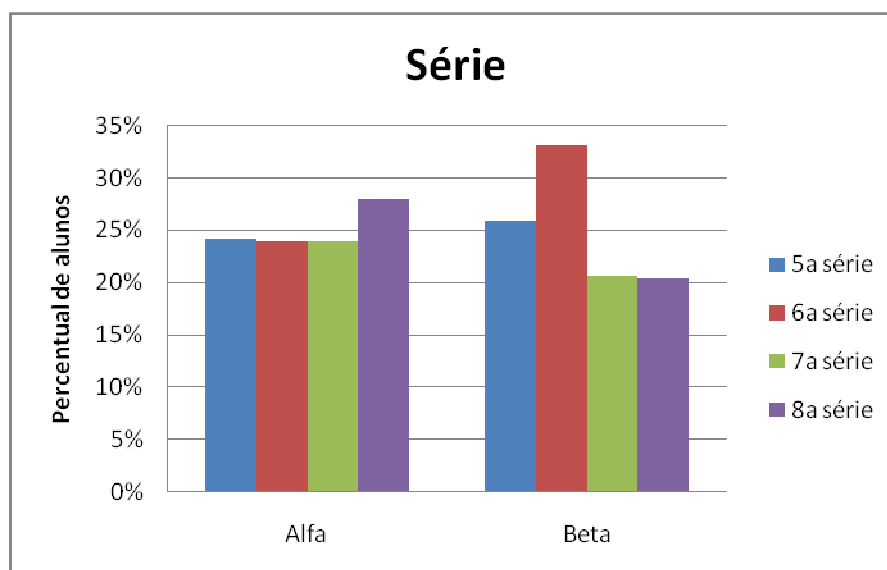


Tabela 7.3. Distribuição das vítimas de bullying por série (Beta)

A incidência das vítimas de *bullying* é mais forte no intervalo etário de 11 a 15 anos e cai consideravelmente entre os alunos a partir de 16 anos de idade, como pode ser observado na tabela seguinte:

Idade	1 ou 2 vezes	3 a 6 vezes	1 vez por sem	Várias vezes por sem	Todos os dias	Total
10	71,4%	7,1%	0,0%	14,3%	7,1%	100,0%
11	68,0%	15,3%	3,4%	7,9%	5,4%	100,0%
12	63,2%	13,6%	5,1%	9,6%	8,5%	100,0%
13	63,6%	12,5%	5,9%	12,5%	5,6%	100,0%
14	66,3%	14,4%	4,7%	9,1%	5,6%	100,0%
15	66,7%	14,6%	4,2%	8,3%	6,3%	100,0%
16	69,2%	11,5%	9,6%	7,7%	1,9%	100,0%
17	78,6%	0,0%	7,1%	14,3%	0,0%	100,0%
18	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
19	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
21	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.4. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 por idade (vítimas)

7.1.2 Características Comportamentais e Emocionais

O perfil das vítimas de *bullying* e seus padrões de comportamento podem ser mais bem conhecidos após a identificação das emoções relacionadas a essa experiência de violência, bem como das consequências desencadeadas por ela. A seguir são apresentados dados referentes a: i) sentimentos que os maus tratos provocam nas vítimas, ii) atitudes que as vítimas tomam após os maus tratos, iii) razões pelas quais as vítimas acreditam que sofreram maus tratos e iv) consequências dos maus tratos na vida escolar das vítimas.

Os alunos pesquisados indicam diversos sentimentos provocados pelos maus tratos exercidos por outros colegas no ambiente escolar. Como a questão, com 12 alternativas de múltipla escolha, permitia que mais de uma opção fosse assinalada, a distribuição das respostas não permite afirmar que há especificamente uma ou duas mais frequentes. Porém, as opções que denotam sentimentos negativos como “eu me senti mal”, “eu me senti triste”, “eu me senti magoado”, “eu me senti irritado”, “eu me senti envergonhado” e “eu me senti preocupado” são as mais citadas entre os participantes maltratados por seus colegas no ano de 2009.

Sentimento da vítima	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3417	47,8%
Eu me senti mal	630	8,8%
Eu me senti triste	548	7,7%
Eu me senti magoado	514	7,2%
Eu me senti irritado	473	6,6%

Sentimento da vítima	Quantidade	Percentual
Eu me senti envergonhado	398	5,6%
Fiquei preocupado	307	4,3%
Não senti nada	230	3,2%
Fiquei com medo	217	3,0%
Eu me senti indefeso	211	3,0%
Foi engraçado	132	1,8%
Eu me senti bem	68	1,0%
Total	7145	100,0%

Tabela 7.5. Sentimentos provocados pelos maus tratos (vítimas)

Como as regiões Sudeste e Centro-Oeste concentram as maiores incidências de vítimas de maus tratos e de *bullying*, os sentimentos provocados por essas experiências são citados com frequências maiores pelos alunos dessas mesmas regiões, como mostra a tabela seguinte:

Sentimento da vítima	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	44,2%	52,6%	62,2%	33,9%	55,3%	47,8%
Eu me senti mal	9,5%	8,0%	5,2%	11,1%	8,8%	8,8%
Eu me senti triste	8,1%	7,7%	4,9%	10,1%	6,0%	7,7%
Eu me senti magoado	8,0%	5,6%	5,4%	9,7%	5,7%	7,2%
Eu me senti irritado	6,2%	4,3%	5,0%	9,2%	6,9%	6,6%
Eu me senti envergonhado	5,8%	5,4%	4,5%	7,1%	4,1%	5,6%
Fiquei preocupado	3,5%	4,5%	3,1%	5,4%	4,3%	4,3%
Não senti nada	4,5%	3,5%	3,1%	3,2%	1,7%	3,2%
Fiquei com medo	3,2%	2,6%	2,1%	3,9%	2,8%	3,0%
Eu me senti indefeso	3,6%	2,5%	1,8%	3,9%	2,4%	3,0%
Foi engraçado	2,6%	1,9%	1,9%	1,5%	1,4%	1,8%
Eu me senti bem	0,8%	1,7%	0,7%	1,0%	0,6%	1,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.6. Sentimentos provocados pelos maus tratos por região do País (vítimas)

Do ponto de vista emocional, os maus tratos em ambiente escolar afetam diferentemente meninos e meninas. A tabela a seguir permite observar com clareza os diferentes padrões de sentimentos entre as vítimas do sexo masculino e feminino.

As respostas mais frequentes entre os meninos para a questão “o que você sentiu quando foi maltratado por colegas?” são, na sequência: i) “foi engraçado”, ii) “eu não senti nada” e iii) “eu me

senti bem”. Já para as meninas as respostas mais citadas são completamente diferentes: i) “eu me senti magoada / chateada”, ii) “eu me senti triste” e iii) “fiquei com medo”. As respostas mais citadas pelos meninos são justamente aquelas menos citadas pelas meninas e vice-versa. É possível inferir que isso decorre da dificuldade dos meninos em assumir emoções ligadas ao sofrimento causado pela situação, tendendo a mostrar-se indiferentes ou pouco impactados pelas ações agressivas.

Sentimento da vítima	Menino	Menina	Total
Eu não senti nada.	64,9%	35,1%	100,0%
Foi engraçado.	71,8%	28,2%	100,0%
Eu me senti bem.	60,3%	39,7%	100,0%
Eu me senti mal.	50,4%	49,6%	100,0%
Eu me senti triste.	38,2%	61,8%	100,0%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	37,6%	62,4%	100,0%
Fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	49,5%	50,5%	100,0%
Fiquei com medo.	46,3%	53,7%	100,0%
Eu me senti irritado.	52,2%	47,8%	100,0%
Eu me senti indefeso, ninguém podia me ajudar.	49,0%	51,0%	100,0%
Eu me senti envergonhado(a).	49,2%	50,8%	100,0%

Tabela 7.7. Sentimentos provocados pelos maus tratos por sexo da vítima

Como o *bullying* caracteriza-se pela repetição, para a compreensão do fenômeno e possível prevenção, é importante entender o que as vítimas fazem depois de sofrer maus tratos. A amostra pesquisada revela que a principal reação a maus tratos sofridos no ambiente escolar é: “nada fiz e fiquei magoado”, representando 6,6% das respostas. Esse tipo de comportamento acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores.

Já a segunda alternativa mais citada é “eu me defendi”, com pouco mais que 6% das respostas, o que sugere que uma parcela dos alunos tende a tentar resolver seus conflitos sem recorrer aos pais, e, principalmente, a professores e diretores.

Não há diferença significativa entre as frequências das 13 respostas possíveis (que variam de 6,6% a 1,3%), mas é possível observar também que as opções que poderiam ser interpretadas como fruto de covardia ou fraqueza tais como “eu fugi”, ou “eu chorei” são as menos citadas pelos participantes (v. tabela 7.8).

Reações aos maus tratos	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3378	49,5%
Nada fiz e fiquei magoado	451	6,6%
Eu me defendi	429	6,3%
Falei com meu pai	371	5,4%
Eu revidei	343	5,0%
Falei com o diretor	323	4,7%
Falei com um professor	320	4,7%
Pedi que parassem	273	4,0%
Nada fiz, não dei importância.	250	3,7%
Falei com meu(s) amigo(s)	223	3,3%
Eu chorei	165	2,4%
Falei com meu(s) irmão(s)	110	1,6%
Outros	97	1,4%
Eu fugi	87	1,3%
Total	6820	100,0%

Tabela 7.8. Reações aos maus tratos no ambiente escolar

Os dados desagregados por região do País sugerem que, provavelmente, existem padrões de comportamento um pouco diferenciados entre si, embora não seja possível estabelecer generalizações a partir desses dados. Os números revelam que, nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, as reações mais comuns à agressão sofrida são apatia e mágoa, associadas, ou a autodefesa, assim como observado para a amostra global. Na região Sudeste muitas crianças e adolescentes também recorrem ao apoio de seus pais, o qual também é o segundo comportamento mais comum entre vítimas da região Sul. Revidar a agressão é o comportamento mais observado na região Norte. Vítimas da região Nordeste tendem a buscar apoio de professores e diretores, embora seja predominante a falta de reação.

Reações aos maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	47,2%	53,2%	61,5%	36,2%	56,9%	49,5%
Nada fiz e fiquei magoado	8,1%	8,6%	3,6%	7,5%	4,5%	6,6%
Eu me defendi	5,7%	4,5%	5,6%	8,9%	5,7%	6,3%
Falei com meu pai	5,2%	4,2%	4,2%	7,4%	5,2%	5,4%
Eu revidei	5,1%	2,4%	5,9%	6,9%	4,0%	5,0%
Falei com o diretor	4,1%	5,9%	3,6%	5,9%	3,6%	4,7%
Falei com um professor	3,8%	5,8%	3,1%	5,7%	4,4%	4,7%
Pedi que parassem	3,6%	3,4%	2,9%	5,4%	4,1%	4,0%

Reações aos maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Nada fiz, não dei importância.	5,1%	3,5%	3,6%	4,2%	1,6%	3,7%
Falei com meu(s) amigo(s)	3,6%	3,2%	2,4%	3,6%	3,5%	3,3%
Eu chorei	3,2%	2,3%	1,4%	2,5%	2,6%	2,4%
Falei com meu(s) irmão(s)	1,6%	1,6%	0,9%	2,0%	1,7%	1,6%
Outros	2,2%	0,8%	0,8%	1,9%	1,2%	1,4%
Eu fugi	1,6%	0,8%	0,5%	2,1%	1,1%	1,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.9. Reações aos maus tratos no ambiente escolar por região do País

Questionadas sobre as motivações subjacentes aos maus tratos praticados, as vítimas apresentam como resposta mais frequente (10% das citações) a opção “não sei”. Ou seja, parcela significativa dos participantes sofre agressões aparentemente sem saber a razão, o que torna mais difícil para a vítima se defender e para a escola prevenir esse tipo de situação.

A motivação apontada com a segunda maior frequência é “por brincadeira”, com 7,5% das citações, o que indica que confundir agressões e brincadeiras pode ser comum entre as crianças. Esse dado pode ser corroborado pela análise dos discursos de pais, professores e alunos, em que é frequente a fala de que os alunos enfrentam dificuldades para entender a dimensão negativa dos maus tratos. Explicitar a diferença entre as agressões e as brincadeiras pode ser um bom caminho para prevenir os maus tratos e o *bullying*. Esse tema foi abordado no capítulo 6, “Modos de manifestação do *bullying*”.

Por outro lado, a terceira resposta mais frequente é “porque querem ser popular”, o que sugere que uma parcela dos alunos tem consciência de que questões de poder e hierarquia podem estar envolvidas em boa parte das agressões. Essa motivação também aparece com muita força nos discursos dos alunos participantes da etapa qualitativa da pesquisa e a busca de popularidade e de poder dentro do grupo surge como a principal característica do perfil dos agressores. Esse tema será tratado em mais detalhe no tópico seguinte, “perfil dos agressores”.

Essas três motivações também são identificadas com mais frequência entre os participantes das cinco regiões do País, como pode ser observado na tabela 7.11, a qual mostra os dados desagregados. A ordem em que tal frequência se manifesta se mantém a mesma em quase todas as regiões, com exceção do Sul.

Motivações	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3281	54,2%
Não sei	607	10,0%
Por brincadeira	453	7,5%
Querem ser populares	361	6,0%
Porque são mais fortes	235	3,9%
Porque eu não reajo	222	3,7%
Porque não são punidos	195	3,2%
Porque eu sou diferente	193	3,2%
Querem dominar o grupo	163	2,7%
Outros	150	2,5%
Acham que eu mereço	103	1,7%
Eles se sentem provocados	85	1,4%
Total	6048	100,0%

Tabela 7.10. Motivações para a prática de maus tratos de acordo com as vítimas

Motivações	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	51,9%	57,2%	66,7%	40,7%	61,0%	54,2%
Não sei	11,5%	11,7%	7,6%	10,7%	8,2%	10,0%
Por brincadeira	6,5%	7,2%	7,5%	9,7%	5,6%	7,5%
Querem ser populares	5,8%	4,9%	3,9%	8,2%	6,1%	6,0%
Porque são mais fortes	4,4%	4,3%	1,6%	4,9%	3,7%	3,9%
Porque eu não reajo	3,8%	3,1%	2,1%	5,4%	3,2%	3,7%
Porque não são punidos	3,0%	3,1%	2,3%	4,7%	2,4%	3,2%
Porque eu sou diferente	3,5%	2,4%	2,1%	4,5%	2,8%	3,2%
Querem dominar o grupo	2,4%	2,1%	2,1%	4,0%	2,3%	2,7%
Outros	4,0%	1,1%	2,0%	3,0%	2,0%	2,5%
Acham que eu mereço	1,9%	1,6%	0,9%	2,3%	1,5%	1,7%
Eles se sentem provocados	1,3%	1,4%	1,1%	1,8%	1,3%	1,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.11. Motivações para a prática de maus tratos por região do País

As consequências dos maus tratos sofridos são, de acordo com as vítimas pesquisadas, a perda do entusiasmo, seguida pela perda da concentração e o medo de ir à escola. Isso é verdadeiro tanto para a amostra total, quanto para as amostras divididas por regiões, como se pode notar na tabela 7.13.

A perda de amigos e a perda da confiança nos professores são a quarta e a quinta consequências mais frequentes apontadas pelos alunos pesquisados, mas com porcentagens mais baixas.

Esses dados permitem inferir que o maior impacto desse tipo de violência é justamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento escolar das vítimas, o qual ficaria prejudicado. Tal conclusão vai ao encontro dos discursos dos professores e equipe técnica, captados na etapa qualitativa da pesquisa e discutidos no capítulo 5.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3721	69,0%
Perdi o entusiasmo	459	8,5%
Perdi a concentração	430	8,0%
Venho à escola com medo	248	4,6%
Perdi confiança em professores	156	2,9%
Perdi meus amigos	150	2,8%
Parei de aprender	79	1,5%
Fui reprovado	62	1,1%
Mudei de escola	58	1,1%
Tenho faltado às aulas	33	0,6%
Total	5396	100,0%

Tabela 7.12. Consequências dos maus tratos para as vítimas

Consequências	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	65,2%	71,6%	80,0%	58,7%	72,1%	69,0%
Perdi o entusiasmo	9,8%	6,7%	4,7%	12,1%	8,2%	8,5%
Perdi a concentração	7,4%	7,1%	6,2%	11,2%	7,1%	8,0%
Venho à escola com medo	4,6%	4,8%	3,0%	6,3%	3,8%	4,6%
Perdi confiança em professores	3,9%	2,2%	1,8%	3,5%	2,9%	2,9%
Perdi meus amigos	3,4%	2,6%	1,7%	3,5%	2,5%	2,8%
Parei de aprender	1,9%	0,8%	1,1%	2,1%	1,2%	1,5%
Fui reprovado	1,4%	1,9%	0,5%	0,9%	1,1%	1,1%
Mudei de escola	1,4%	1,6%	0,7%	1,2%	0,5%	1,1%
Tenho faltado às aulas	1,0%	0,7%	0,2%	0,5%	0,7%	0,6%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.13. Consequências dos maus tratos para as vítimas por região do País

7.2 Perfil dos Agressores

7.2.1 Características Demográficas

Os maus tratos no ambiente escolar são praticados, de acordo com as respostas das vítimas, principalmente por meninos (14%), ou por meninos acompanhados de meninas (7%). Apenas 4% das vítimas afirmam que sua agressão foi praticada apenas por meninas.

Sexo do agressor	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3386	65,5%
Só por meninos	710	13,7%
Por meninos e meninas	347	6,7%
Só por meninas	203	3,9%
Principalmente por meninos	200	3,9%
Principalmente por meninas	169	3,3%
Em branco	153	3,0%
Total	5168	100%

Tabela 7.14. Respostas das vítimas para sexo do agressor

As respostas dos alunos que praticam maus tratos confirmam que também nos casos de *bullying* os meninos se destacam como os principais agressores. 12,5 % dos meninos assumem que praticaram *bullying*, enquanto 7,6% das meninas fazem a mesma afirmação, como mostra a tabela a seguir.

Frequência dos maus tratos	Menino	Menina
Não maltratei	63,3%	75,2%
1 ou 2 vezes	22,2%	16,3%
De 3 a 6 vezes	4,7%	2,9%
Uma vez por semana	1,9%	1,3%
Várias vezes por semana	2,5%	1,4%
Todos os dias	3,4%	2,0%
Em branco	1,9%	1,0%
Total	100%	100%

Tabela 7.15. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (agressores) por sexo

Em qual período da vida escolar se concentram os agressores? De forma diferente do que acontece entre as vítimas, que estão concentradas nas quinta e sextas séries, os agressores se

distribuem de forma bem semelhante entre as quinta, sexta, sétima e oitava séries, com uma concentração um pouco maior na sexta série. Os alunos que praticam o *bullying* têm, predominantemente, entre 12 e 14 anos. Esses dados são detalhados no gráfico e na tabela a seguir, onde o grupo N é composto por aqueles alunos que não praticaram *bullying* enquanto o grupo M é formado pelos alunos que já o praticaram.

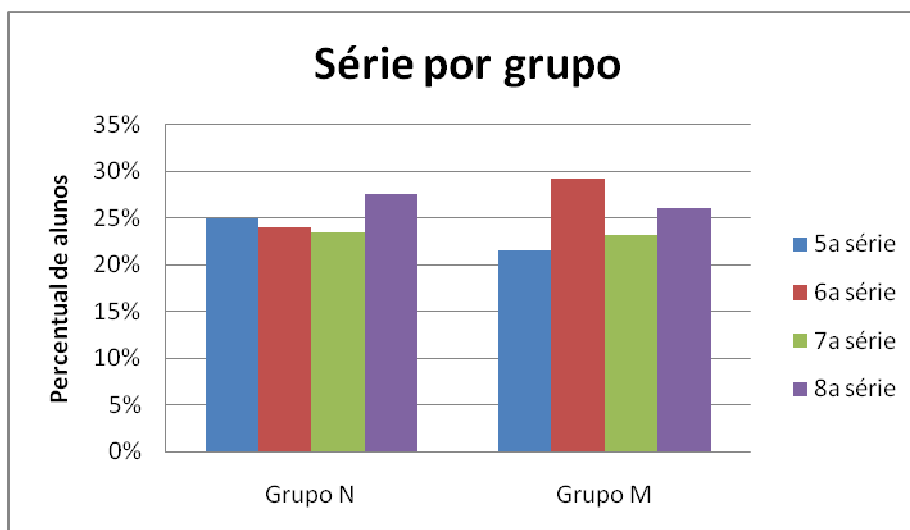


Tabela 7.16. Distribuição dos agressores de bullying por série (grupo M)

Idade	Grupo N	Grupo M	Total geral
10	0,9%	0,4%	1%
11	12,4%	9,5%	12%
12	19,2%	21,0%	19%
13	20,8%	20,2%	21%
14	25,2%	28,8%	26%
15	12,8%	12,3%	13%
16	5,0%	3,7%	5%
17	1,4%	1,2%	1%
18	0,3%	0,2%	0%
19	0,2%	0,0%	0%
21	0,0%	0,2%	0%
Em branco	1,7%	2,5%	2%
Total geral	100%	100%	100%

Tabela 7.17. Distribuição dos agressores de bullying por idade (grupo M)

7.2.2 Características Comportamentais e Emocionais

Os padrões de comportamento e de emoções dos agressores permitem traçar, com mais detalhes, o perfil dos alunos que praticam maus tratos no ambiente escolar. O que leva os alunos a praticar o *bullying*, ou seja, o que estimula o agressor?

De acordo com os agressores, a principal motivação para a prática de maus tratos é sentir-se provocado (a). Isso pode sugerir que, muitas vezes, um mau trato pode ser fruto de uma atitude reativa, uma forma de defesa ou uma incapacidade de lidar com os conflitos e tensões existentes entre os colegas da escola.

Já a segunda motivação mais frequente é “por brincadeira”. Esse dado coincide com os relatos colhidos na fase qualitativa da pesquisa, pois um dos aspectos mais significativos das falas dos alunos é que o *bullying* é muito frequentemente associado à imagem de brincadeira. Como já abordado no capítulo sobre os modos de manifestação do *bullying*, há, por parte dos alunos, uma frequente confusão entre brincadeira / diversão e agressão / violência. Mesmo reconhecendo os efeitos negativos, os adolescentes demonstram grande dificuldade em considerar certos maus tratos, principalmente as agressões verbais, como algo fora do padrão comum ou normal de interação entre jovens. Os discursos levam a crer que, além de ser um comportamento generalizado, colocar e receber apelido, por exemplo, é quase um ritual de inclusão no grupo. A terceira opção mais citada para a pergunta que buscava compreender o que leva um aluno à agressão é “não sei”, como poder ser observado na tabela a seguir. Esse dado sugere que, em parte dos casos, a violência pode ser gratuita, aparentemente sem motivo, inclusive para quem a pratica. Responder a uma provocação, fazer uma brincadeira ou agredir sem razão aparente também são motivações apontadas por alunos que cometem maus tratos em cada região do País.

Motivações	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	2966	60,6%
Porque me sinto provocado	448	9,2%
Por brincadeira	398	8,1%
Não sei	343	7,0%
Porque acho que eles(as) merecem	230	4,7%
Outros	196	4,0%
Porque sou mais forte	82	1,7%
Porque quero ser popular	75	1,5%
Contei para meu professor	48	1,0%
Porque não sou punido(a) pela escola	39	0,8%

Motivações	Quantidade	Percentual
Porque quero dominar o grupo	37	0,8%
Porque eles(as) são diferentes dos outros	34	0,7%
Total	4896	100,0%

Tabela 7.18. Motivações para a prática de maus tratos de acordo com os agressores

Como os agressores se sentem após maltratar um colega? Como o *bullying* se caracteriza por ser um tipo de violência repetitiva, entender como os agressores se sentem após a prática de maus tratos permite identificar fatores associados ao estímulo para repetição do ato.

A tabela a seguir permite concluir que não existem padrões de sentimentos claramente definidos para os agressores. As respostas distribuem-se de forma semelhante quando os alunos são questionados sobre o que sentiram ao maltratar colegas na escola, mas é possível dizer que as cinco opções mais citadas estão polarizadas em dois conjuntos de sentimentos. O primeiro conjunto de sentimentos tende a estimular a repetição da agressão. Esse grupo é composto pelas respostas “eu não senti nada”, “foi engraçado” e “senti que eles mereciam o castigo”, somando cerca de 17% das opções citadas. Já o segundo grupo de sentimentos é o que tende a inibir a repetição do ato agressivo e abarca as respostas “eu me arrependi do que fiz” e “eu me senti mal”, com aproximadamente 10% das citações.

Esses dados também permitem desmistificar a imagem intrinsecamente negativa do agressor, sempre visto como “maldoso” ou “sem sentimentos”, pois uma porcentagem relevante deles se sente mal após a agressão ou se arrepende. Analisando esses dados desagregados por região, percebe-se que as porcentagens das respostas para essa questão se distribuem de forma muito semelhante entre as cinco regiões do País e não apresentam diferenças significativas.

Sentimentos dos agressores	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3541	56,6%
Eu não senti nada	413	6,6%
Eu me arrependi do que fiz	364	5,8%
Foi engraçado	318	5,1%
Senti que eles mereciam o castigo	307	4,9%
Eu me senti mal	284	4,5%
Eu senti pena da pessoa	214	3,4%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo	210	3,4%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também	148	2,4%
Fiquei com medo de que meu pai descobrisse	121	1,9%
Eu me senti bem	117	1,9%

Sentimentos dos agressores	Quantidade	Percentual
Fiquei com medo de que um (a) professor(a) descobrisse	96	1,5%
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a)	57	0,9%
Sei que não seria descoberto (a) e punido(a)	42	0,7%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola	23	0,4%
Total	6255	100,0%

Tabela 7.19. Sentimentos provocados pelos maus tratos (agressores)

Os dados permitem identificar que os sentimentos pós-agressão também se diferenciam pelo sexo do agressor, assim como ocorre entre as vítimas. Os meninos citam as opções ligadas ao primeiro grupo de sentimentos – que tendem a reforçar a repetição da agressão - com mais frequência que as meninas. Já as opções referentes ao segundo grupo de sentimentos – associadas a mal estar - são mais citadas pelas meninas. A tabela a seguir detalha esses dados.

Sentimentos dos agressores	menino	menina	Total
Não senti nada.	62,7%	37,3%	100,0%
Eu me senti bem.	61,7%	38,3%	100,0%
Foi engraçado.	56,4%	43,6%	100,0%
Senti que eles mereciam o castigo.	58,6%	41,4%	100,0%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.	70,0%	30,0%	100,0%
Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.	63,5%	36,5%	100,0%
Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.	69,4%	30,6%	100,0%
Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).	69,0%	31,0%	100,0%
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).	68,4%	31,6%	100,0%
Eu me senti mal.	45,4%	54,6%	100,0%
Eu me arrependi do que fiz.	49,4%	50,6%	100,0%
Eu senti pena da pessoa.	46,0%	54,0%	100,0%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.	55,1%	44,9%	100,0%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.	56,5%	43,5%	100,0%

Tabela 7.20. Sentimentos provocados pelos maus tratos por sexo do agressor

Após maltratar um colega, os agressores têm duas alternativas mais comuns: não contar para ninguém ou contar para os amigos. Como esperado, contar para professores, funcionários da escola e pais não são atitudes comuns, como pode ser observado na tabela a seguir:

Reações	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	3527	65%
Contei para meu amigo	621	11%
Não contei para ninguém	567	10%

Reações	Quantidade	Percentual
Contei para meu pai	198	4%
Outros	180	3%
Contei para meu irmão	148	3%
Contei para meu professor	120	2%
Contei para o diretor	54	1%
Total geral	5415	100%

Tabela 7.21. Reação dos agressores após a prática de maus tratos

O que acontece na vida escolar do agressor após praticar maus tratos? Um dos dados mais relevantes que a etapa quantitativa da pesquisa traz para o delineamento do perfil do agressor é que este também tem seu desenvolvimento escolar e aprendizagem afetados negativamente pela prática da violência. Como pode ser observado na tabela a seguir, as respostas mais citadas pelos agressores à pergunta “o que aconteceu na sua vida após maltratar um colega?” são as mesmas mais citadas pelas vítimas: “perdi a concentração” e “perdi o entusiasmo na escola”. A prática dos maus tratos é, portanto, negativa para a vida escolar das vítimas e dos agressores, atingindo os dois grupos da mesma forma, ou seja, afetando o processo de aprendizagem mais que a sociabilidade e a interação no ambiente escolar.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	3801	75,9%
Perdi a concentração	365	7,3%
Perdi entusiasmo pela escola	298	6,0%
Perdi meus amigos	149	3,0%
Distanciei-me dos objetivos escolares	98	2,0%
Venho à escola, mas tenho medo	98	2,0%
Fui reprovado	75	1,5%
Parei de aprender	59	1,2%
Mudei de escola	32	0,6%
Tenho deixado de ir às aulas	31	0,6%
Total	5006	100,0%

Tabela 7.22. Consequências dos maus tratos para os agressores

7.3 Considerações Finais

De acordo com os alunos pesquisados na etapa quantitativa da pesquisa, os meninos são mais vulneráveis que as meninas a episódios de maus tratos e a *bullying* no ambiente escolar, assim como o são também os alunos das quinta e sexta séries. As vítimas de *bullying* concentram-se no intervalo de adolescentes de 11 a 15 anos. Não há diferenças significativas na distribuição das vítimas de *bullying* por cor / etnia, diferentemente do que se poderia esperar, levando-se em conta as questões de discriminação racial.

Entre os aspectos comportamentais e emocionais, a pesquisa permite observar com muita clareza que há padrões de sentimentos ligados às situações de maus tratos muito diferentes entre as vítimas do sexo masculino e as do feminino. Os meninos tendem a afirmar que levam na brincadeira, acham engraçado, ou não dão importância aos maus tratos sofridos, enquanto as meninas afirmam que se sentem mal, ficam chateadas, magoadas e tristes.

Os dados não permitem delinear padrões de ação claramente definidos das vítimas após as agressões. As atitudes mais comuns são: apatia, tentar se defender, revidar a agressão ou falar com pai. Fugir, chorar, ou chamar os irmãos são os comportamentos menos citados.

Parcela significativa das vítimas não sabe dizer por que sofre maus tratos, enquanto outra parcela acredita que uma agressão de que foi vítima não passava de brincadeira. Como terceira opção mais citada para a questão “por que você acha que seus colegas te maltrataram?” aparece a resposta “porque querem ser popular”, o que desvela uma dimensão de poder inerente à prática de *bullying*.

Por fim, os dados quantitativos revelam que a maior consequência dos maus tratos na vida escolar das vítimas recai sobre o próprio processo de aprendizagem, acarretando perda de concentração e perda do entusiasmo, e não sobre a sociabilidade com os colegas ou sobre o respeito à autoridade dos professores e diretores.

Os discursos coletados na etapa qualitativa da pesquisa expressam outros aspectos, mais subjetivos, sobre o perfil das vítimas.

Para os professores e equipe técnica, a principal característica da vítima do *bullying* é ser diferente dos seus colegas em algum aspecto. Essa diferença pode tanto ser uma característica física marcante, ou uma deficiência, como também um *status* social que permita vestir-se ou possuir objetos e roupas que se destaquem do resto do grupo. Torna-se, portanto, evidente que as diferenças são geradoras de comportamentos de rejeição e agressão.

Os alunos entrevistados definem as vítimas de *bullying* como colegas passivos, sem voz ativa. Os discursos dos alunos sugerem que, geralmente, as vítimas apresentam um perfil psicológico mais

inibido e tímido. Também se observa que características físicas marcantes são detalhes que caracterizam as vítimas, tais como o uso de óculos, sobrepeso ou até mesmo a cor da pele.

Já os discursos dos pais articulam os elementos preponderantes dos discursos dos professores e dos alunos. Para os pais, o perfil da vítima é marcado por seu diferencial, seja por condição física ou comportamental. Assim, algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem tornar a vítima mais vulnerável às ações dos agressores e dificultar a sua aceitação pelo grupo.

Os alunos que praticam maus tratos contra colegas, de acordo com os dados quantitativos da pesquisa, são preponderantemente do sexo masculino. Os agressores se concentram na faixa etária de 12 a 14 anos e na sexta série do Ensino Fundamental. Entre os agressores também não há diferença significativa no que diz respeito à cor / etnia.

A prática dos maus tratos é estimulada nos agressores por: i) sentimento de ameaça (necessidade de se defender de outros colegas ou pela incapacidade de lidar com os conflitos com eles), ii) dificuldade de diferenciar brincadeira de agressão e, iii) tendência à violência gratuita (agressão sem motivo reconhecido).

As emoções desencadeadas pelos maus tratos no agressor podem ser agrupadas em dois padrões distintos: sentimentos que estimulam a repetição da agressão e outros que inibem sua reiteração. O primeiro grupo de opções é o mais citado, o que, de certa forma, explica o fenômeno do *bullying*. Mas o segundo grupo de sentimentos também é apontado com considerável relevância, o que também desmistifica a visão negativa do agressor. A pesquisa permite observar que, também entre os agressores, há padrões de sentimentos ligados às situações de maus tratos muito diferentes entre os alunos do sexo masculino e feminino.

Após maltratar um colega, as atitudes mais comuns por parte dos agressores são: i) dividir essa informação com os amigos ou ii) omiti-las de todos, sem contar nada a ninguém.

A principal consequência que a prática de maus tratos a colegas pode causar na vida escolar do agressor é sobre o processo de aprendizagem, da mesma forma que ocorre entre as vítimas.

Outras nuances do perfil comportamental e emocional dos alunos que praticam o *bullying* são ressaltadas nos dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa. O discurso dos professores revela que uma importante característica do perfil de grande parte dos alunos agressores é o histórico escolar negativo, que pode envolver repetência. Os professores acreditam que o comportamento violento é uma maneira de conseguir destaque em meio ao grupo. Ou seja, os professores entrevistados associam ao perfil do agressor o desejo de aceitação social. Para os docentes, agredir os colegas é garantir *status*, poder e domínio sobre o grupo ao qual pertence, garantindo destaque entre todos. A convivência cotidiana com a violência dentro do ambiente familiar também é citada pelos professores como um elemento importante da caracterização do perfil dos agressores, assim

como a falta de estímulo familiar à aprendizagem. A baixa auto-estima também está muito presente nos discursos dos docentes.

Os dados qualitativos mostram que também os alunos acreditam que uma das características marcantes no perfil dos agressores é o desejo de aceitação social e a necessidade de exercer influência sobre os colegas, ocupando um lugar de destaque no grupo e garantindo popularidade. Nos discursos dos alunos também se observa a ênfase em outra característica do perfil dos agressores, que é a ausência de medo da punição. Já os pais, em seus relatos, destacam no perfil do agressor a necessidade e o desejo de discriminar o outro.

8 Estratégias adotadas pelas escolas

O presente capítulo trata das estratégias utilizadas pelas escolas investigadas para controlar ou evitar a violência entre os alunos. Com o apoio dos relatos colhidos na etapa qualitativa da pesquisa, apresentam-se aqui as iniciativas tomadas pelas escolas para enfrentar o problema dos maus tratos entre os estudantes. São ressaltadas as ações avaliadas por professores, alunos e pais como eficientes, bem como aquelas consideradas inadequadas ou ausentes.

8.1 Atuação das escolas frente aos maus tratos

Há despreparo da maioria das escolas pesquisadas para reduzir ou eliminar a ocorrência de situações de violência escolar, de acordo com os professores pesquisados. Isso se deve à escassez de recursos materiais e humanos, bem como à falta de capacitação dos professores e das equipes técnicas.

Como professores e equipes técnicas tendem a achar que as causas da violência entre alunos são exteriores à escola - localizadas na família ou na sociedade em geral - são poucas as ações institucionais com foco no combate à violência entre os alunos relatadas pelos docentes.

De acordo com os discursos dos professores, as ações mais comuns tomadas pelas escolas são pontuais e direcionadas especificamente aos agressores. Em regra, o que as escolas fazem é: i) punir os agressores com suspensões e advertências ou ii) chamar os pais dos agressores para conversas com os educadores e equipe técnica.

Os professores tendem a achar que a segunda opção não funciona bem porque pais e responsáveis não comparecem a esses encontros, não aceitam os conselhos dos educadores ou não sabem lidar com as críticas feitas aos comportamentos dos filhos. O discurso dos professores é marcado pela crítica à falta de colaboração dos pais e responsáveis nas ações de combate à violência escolar e pela consciência de que as estratégias utilizadas pelas escolas são ineficientes.

Além das ações direcionadas aos agressores, mais comuns e frequentes, os professores relatam que algumas poucas escolas fazem campanhas gerais de mobilização e sensibilização voltadas à prevenção da violência. Um pouco mais frequentes, mas ainda esporádicas, são atividades como palestras e grupos de discussão orientados por professores que têm mais flexibilidade no programa curricular, como aqueles que ministram aulas de filosofia ou religião.

Dentre as escolas investigadas na etapa qualitativa da pesquisa, duas do estado do Rio Grande do Sul destacam-se como exceção, pois desenvolveram recentemente campanhas direcionadas especificamente ao controle do *bullying*. Essas campanhas partiram de um trabalho de discussão sobre tal fenômeno e de conscientização a respeito de suas consequências, realizado tanto junto a professores e equipe técnica quanto aos alunos.

Além dessas duas escolas com ações voltadas especificamente ao tratamento do tema do *bullying* escolar, algumas outras escolas traçam estratégias de combate à violência de modo geral. Uma delas, situada no Distrito Federal, investiu numa infraestrutura física acolhedora e pautada na criação de espaços de convivência e integração entre os alunos, bem como no trabalho constante do tema e da prática da inclusão social de alunos com deficiências. Outra escola que se destaca, localizada em São Luís do Maranhão, optou por criar uma rotina de convivência intensa entre alunos, professores e funcionários. Nessa escola, os alunos estão sempre na presença de professores e funcionários, inclusive nos intervalos e nos horários de entrada e saída das aulas. Os gestores do estabelecimento acreditam que a presença intensa e maciça de professores e funcionários inibe a violência por parte dos alunos, assim como melhora a relação deles entre si e com as pessoas do sistema escolar.

De acordo com os alunos pesquisados, frente a situações de maus tratos, as escolas costumam acionar os pais dos alunos envolvidos (42%) e punir dessas crianças e adolescentes (21%). Mas um percentual significativo (12,5%) desconhece quais são as ações da escola, conforme tabela a seguir:

Respostas	Total
Chama pais	42,2%
Pune os autores	20,6%
Não sei dizer	12,5%
Comunica ao Conselho Tutelar	5,5%
Responsabiliza pais	5,5%
Ignora	3,9%
Faz trabalho de prevenção	3,2%
Comunica a polícia	3,1%
Outros	2,6%
Comunica outras autoridades	0,9%
Total	100,0%

Tabela 8.1. Medidas tomadas pelas escolas

A atuação da escola reflete, segundo os alunos, o que pensam os professores a respeito da responsabilização dos pais em relação às situações de maus tratos dentro da instituição. É

importante frisar que a única opção que envolvia uma atuação de cunho coletivo, “faz trabalho de prevenção”, tem representatividade de 3,2% da amostra.

A opinião dos pais e responsáveis vem ao encontro dessa atuação tímida em relação ao combate à violência. Para os pais, as escolas não apresentam nenhum tipo de iniciativa institucional ou organizada que vise eliminar ou prevenir a violência no contexto escolar. Muitos pais dizem que a escola ou se omite frente aos maus tratos entre os alunos ou transfere para os pais dos envolvidos a responsabilidade da solução do conflito, procurando individualmente a família dos agressores ou realizando queixas.

Segundo os pais, os professores também não têm preparo para lidar com a problemática, assim como a escola é incapaz de promover ações que venham minimizar esse conflito.

Os pais acreditam também que os agressores deveriam receber punições rígidas, como expulsão ou suspensão, a fim de prevenir ações violentas no futuro.

A segurança dentro do ambiente escolar também foi debatida no grupo. Muitos pais defendem também que, se houvesse mais segurança dentro da escola - como um posto de guarda no portão da escola, por exemplo - seriam evitadas muitas brincadeiras agressivas que podem levar a situações de violência e até mesmo ao desenvolvimento de *bullying*.

Os dados desagregados por região do País mostram que não há diferenças significativas nas medidas adotadas pelas escolas. Nas cinco regiões, as opções mais citadas são as mesmas. O que se pode ressaltar, em termos de diferenças entre as medidas, é que no Nordeste e no Norte, chamar os pais dos alunos envolvidos nas agressões é mais frequente do que nas demais regiões e fazer trabalho de prevenção é alternativa um pouco mais usada no Sudeste e no Sul, ainda que as porcentagens sejam baixas.

Ação da escola	Centro Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Chama pais	34,3%	50,8%	51,8%	36,4%	40,8%	42,2%
Pune os autores	25,4%	20,7%	18,4%	20,8%	17,7%	20,6%
Não sei dizer	15,6%	10,3%	11,2%	11,7%	14,1%	12,5%
Comunica ao Conselho Tutelar	4,7%	4,2%	2,7%	7,0%	8,1%	5,5%
Responsabiliza pais	3,3%	5,4%	6,7%	6,9%	4,5%	5,5%
Ignora	4,3%	2,4%	3,4%	4,9%	4,2%	3,9%
Faz trabalho de prevenção	3,0%	2,7%	2,6%	3,7%	3,8%	3,2%
Comunica a polícia	6,0%	1,7%	0,7%	3,3%	3,5%	3,1%
Outros	2,4%	0,9%	1,6%	4,3%	2,8%	2,6%
Comunica outras autoridades	1,0%	1,0%	0,8%	0,9%	0,6%	0,9%
Total geral	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 8.2. Medidas que as escolas tomam por região do País

8.2 O que a escola deve fazer frente aos maus tratos?

Na opinião dos alunos pesquisados, apontada na tabela abaixo, quando ocorrem situações de maus tratos na escola, cabe a esta, principalmente, chamar os pais (28%). Em segundo lugar, punir os agressores (23%) e, em terceiro lugar, comunicar o Conselho Tutelar (13,3%) ou, ainda, fazer trabalho de prevenção (10,9%). Não há diferença significativa na distribuição das respostas para a questão sobre as medidas a escola deve tomar entre as cinco regiões do País.

Medidas que deveria tomar	Total
Deve chamar pais	28,0%
Deve punir	23,0%
Deve comunicar o Conselho Tutelar	13,3%
Deve fazer trabalho de prevenção	10,9%
Deve responsabilizar os pais	7,6%
Deve comunicar a polícia	6,5%
Não sei dizer	5,3%
Deve comunicar outras autoridades	2,6%
Outros	1,8%
Deve ignorar, é sem importância	0,9%
Total geral	100,0%

Tabela 8.3. Medidas que as escolas deveriam tomar

Esses dados mostram que os alunos não discordam das estratégias de ação para combater a violência frequentemente utilizadas pelas escolas. Mas o que os discursos coletados na fase qualitativa da investigação sugerem é que os alunos discordam da forma como os professores e equipe técnica colocam em prática tais ações.

Os alunos relatam, primeiro, que os professores e funcionários são negligentes com as situações de violência, muitas vezes deixando que elas se desenvolvam e se repitam. Os alunos acham que, quando identificados os agressores, estes devem ser severamente punidos - com suspensões, por exemplo - e não apenas serem verbalmente advertidos como sempre ocorre.

Em segundo lugar, os alunos apontam que os docentes e a equipe técnica não sabem mediar conflitos, pois as estratégias que eles utilizam – chamar atenção e retirar da sala de aula – não promovem mudanças comportamentais nem amenizam os atritos e tensões existentes entre os alunos. Os estudantes relatam que os professores não sabem como resolver os conflitos e encaminham os envolvidos para a coordenação e esta, por sua vez, por também não saber como solucionar a questão, chama os pais, numa dinâmica em que um joga o problema para o outro.

Embora os alunos defendam a idéia de que é dever da escola traçar estratégias de combate à violência, não acreditam que a direção da escola tenha habilidade para solucionar esse problema e ressaltam que as ações das escolas não são satisfatórias.

8.3 Atuação dos professores frente aos maus tratos

Segundo os alunos, na maioria dos casos de ocorrência de maus tratos, os professores nada fizeram porque não ficaram sabendo do ocorrido e, quando ficaram sabendo, sua atuação foi insignificante, não promovendo nenhum tipo de mudança na situação.

Como visto no capítulo 7, a procura por professores, tanto por parte de vítimas de maus tratos quanto de agressores, é baixa, o que revela haver uma distância importante entre professores e alunos quanto à relação de confiança. De um lado, alunos não compartilham com seus professores as situações de risco em que estão envolvidos. De outro, os professores são ineficazes em suas atuações quando cientes de tais situações. O resultado parece ser um distanciamento importante entre o professor e o aluno, com consequências para o clima dentro da escola, afetando-se assim o próprio propósito do processo educativo, qual seja, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”⁸

É importante ressaltar que, diante da pergunta “o que você sentiu quando viu alguma situação de maus tratos entre colegas?”, percebe-se que os alunos em geral sentem-se afetados pela situação. A maioria dos que presenciaram tais situações diz ter sentido pena da pessoa maltratada (22%). O sentimento de mal-estar (17,4%) e o julgamento de injustiça (14,5%) são as respostas que vêm depois da pena. Percebe-se nestas respostas um espaço para a atuação da escola e dos professores que não poderia ser negligenciado.

O que sentiu	Total
Senti pena	22,3%
Não vi	17,6%
Me senti mal	17,4%
Achei injusto	14,5%
Não senti nada	9,2%
Foi engraçado	5,8%

⁸ Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Capítulo II, Seção I, Art. 22.

O que sentiu	Total
Achei justo	4,2%
Certeza que me maltratariam	3,4%
Sei que não me maltratariam	2,3%
Senti vingado, fui maltratado	1,9%
Me senti bem	1,3%
Total	100,0%

Tabela 8.4. Impressões dos alunos ao ver práticas de maus tratos

8.4 Considerações Finais

A análise dos dados leva à conclusão de que a maioria das escolas não apresenta estratégias institucionais, organizadas e perenes nem de controle à violência de modo geral, nem de combate ao *bullying* especificamente. Medidas de prevenção e um debate construtivo sobre o assunto não são presentes entre as escolas pesquisadas, na opinião de professores, pais e alunos.

As medidas que as escolas tomam frequentemente, tanto em caso de maus tratos entre colegas, quanto em caso de *bullying*, são: i) punir os alunos com advertências (verbais e escritas) e suspensões, e/ou ii) chamar os pais dos agressores para uma conversa ou entrevista com a coordenação. Essas medidas punitivas (pontuais e focadas nos agressores) são identificadas por professores e alunos e citadas por eles como aquelas tomadas pelas escolas com maior frequência a fim de tentar evitar futuras agressões entre os alunos.

Os alunos, porém, discordam não dessas ações das escolas, mas da forma como elas são desenvolvidas e colocadas em prática por seus professores e funcionários, questionando, assim, sua eficiência.

Os professores alegam que os pais não colaboram com as escolas em suas iniciativas de combater a violência, o que dificulta a atuação escolar. Já os pais afirmam que as escolas não sabem lidar com a violência entre colegas e com o *bullying* e transferem para eles – pais e responsáveis- a responsabilidade de resolver os conflitos dos alunos.

9 Maus Tratos no Ambiente Virtual

Este capítulo trata dos maus tratos por meio da internet, modalidade de violência cada vez mais praticada por crianças e adolescentes. Pesquisa realizada pela ONG Safernet em 2009 para conhecer os hábitos de crianças e adolescentes no espaço virtual apontou que 33% dos entrevistados já haviam tido algum amigo seu vítima desse tipo de humilhação na rede.

Tais maus tratos consistem em práticas de difamação, humilhação, ridicularização e estigmatização por meio de ferramentas da internet. Com o atual aumento das facilidades para acesso ao mundo virtual por parte de crianças e adolescentes, esse tipo de agressão se torna cada vez mais frequente. Uma característica importante desse tipo de agressão é que consiste num “fenômeno sem rosto”, à medida que, na internet, o agressor pode, muitas vezes, não se identificar.

9.1 Incidência

De acordo com as respostas dos alunos da pesquisa objeto deste relatório, a incidência de maus tratos pela internet é de cerca de 17%. Ou seja, aproximadamente 17% dos alunos que participaram da pesquisa afirmam que foram vítimas desse tipo de prática pelo menos uma vez no ano de 2009, como mostra tabela a seguir:

Frequência	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	4218	81,6%
Fui 1 ou 2 vezes	679	13,1%
Fui de 3 a 6 vezes	76	1,5%
1 vez por sem	34	0,7%
Várias vezes por sem	53	1,0%
Todos os dias	28	0,5%
Em branco	80	1,5%
Total geral	5168	100%

Tabela 9.1. Frequência de maus tratos pela internet

Na região Sudeste a incidência de maus tratos no espaço virtual é maior que nas demais regiões. Aproximadamente 20% dos alunos das escolas do Sudeste foram vítimas desse tipo de agressão pelo menos uma vez em 2009. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste essa estatística fica em torno de 17%, enquanto no Norte a incidência registrada é de 15% e, no Sul, de 14%.

Frequência	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Não fui maltratado	81,1%	80,7%	83,7%	79,2%	84,0%	81,6%
Fui 1 ou 2 vezes	12,4%	13,6%	12,0%	15,8%	11,0%	13,1%
Fui de 3 a 6 vezes	1,4%	1,0%	1,5%	2,0%	1,3%	1,5%
1 vez por sem	0,8%	0,6%	0,4%	1,0%	0,4%	0,7%
Várias vezes por sem	1,1%	0,9%	1,1%	0,9%	1,2%	1,0%
Todos os dias	0,9%	0,7%	0,1%	0,5%	0,5%	0,5%
Em branco	2,2%	2,5%	1,1%	0,6%	1,6%	1,5%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 9.2. Frequência de maus tratos pela internet por região do País

A distribuição das respostas para as questões sobre maus tratos no ambiente virtual apresentadas a seguir não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País. Como na região Sudeste a incidência desse tipo de agressão é mais frequente, as porcentagens para todas as respostas também são maiores.

Os maus tratos pela internet atingem meninos e meninas com frequência muito semelhante (conforme tabela abaixo), diferentemente do que acontece com os maus tratos dentro do ambiente escolar e discutido no capítulo 4.

Frequência	Menino	Menina
Não fui maltratado	80,9%	82,4%
Fui 1 ou 2 vezes	13,5%	12,8%
Fui de 3 a 6 vezes	1,5%	1,5%
1 vez por sem	0,4%	0,8%
Várias vezes por sem	1,2%	0,8%
Todos os dias	0,5%	0,5%
Em branco	1,9%	1,2%
Total geral	100%	100%

Tabela 9.3. Frequência de maus tratos pela internet por sexo

Os alunos que foram vítimas de maus tratos pela internet estão alocados de forma muito similar entre as quintas, sextas, sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental, com pequena concentração nas duas primeiras dessas séries, como se pode observar na tabela seguinte.

Série	Quantidade	Percentual
5ª	244	28,0%
6ª	241	27,7%
7ª	192	22,1%
8ª	193	22,2%

Série	Quantidade	Percentual
Total geral	870	100%

Tabela 9.4. Vítimas de maus tratos pela internet por série escolar

No que diz respeito à faixa etária, as vítimas de maus tratos pela internet concentram-se no intervalo entre 12 e 14 anos de idade, no qual estão cerca de 69% das vítimas. A incidência desse tipo de agressão diminui muito a partir dos 17 anos de idade. É o que mostra a tabela 9.5:

Idade	Quantidade	Percentual
10	8	0,9%
11	104	12,0%
12	200	23,0%
13	177	20,3%
14	220	25,3%
15	96	11,0%
16	34	3,9%
17	11	1,3%
18	1	0,1%
19	2	0,2%
21	1	0,1%
Em branco	16	1,8%
Total	870	100%

Tabela 9.5. Vítimas de maus tratos pela internet por idade

9.2 Modos de Manifestação

A pesquisa mostra que os maus tratos pela internet se manifestam principalmente por meio de insultos e difamações feitas por e-mail, MSN e sites de relacionamento, como o Orkut. Como indica a tabela abaixo, as opções mais citadas para a pergunta “de que maneira você foi maltratado por colegas de escola no mundo virtual?” são: i) “enviaram email falando mal de mim” (6,4%) e ii) “falaram mal de mim no MSN, no Orkut e outros sites de relacionamento” (5,8%), seguidas pela opção “furtaram minha senha e invadiram meu email”, em cerca de 4% dos casos. As demais respostas para essa pergunta apresentam incidência em porcentagens baixas e muito próximas entre si.

Manifestações de maus tratos	Total	Percentual
Não fui maltratado	4127	70,8%
Enviaram e-mail falando mal de mim	373	6,4%
Falaram mal de mim no MSN, Orkut ou outros sites de relacionamento	336	5,8%
Furtaram minha senha e invadiram meu e-mail	207	3,6%
Outros	168	2,9%
Fizeram-se passar por mim na Internet	117	2,0%
Enviaram vírus com objetivo de me prejudicar	80	1,4%
Enviaram e-mail me ameaçando	77	1,3%
Tiraram e divulgaram fotografias minhas na Internet, sem o meu consentimento	59	1,0%
Montaram e divulgaram fotografias minhas de forma constrangedora	51	0,9%
Criaram comunidade no Orkut para me humilhar e divulgar minhas fotos ou perfil	48	0,8%
Recebi mensagem no celular me xingando	46	0,8%
Fizeram vídeos meus e colocaram no You Tube	45	0,8%
Recebi mensagem no celular falando mal de mim	34	0,6%
Recebi mensagem no celular me ameaçando	31	0,5%
Recebi fotografias minhas no celular e me humilharam	18	0,3%
Montaram e divulgaram fotografias de minha família de forma constrangedora	10	0,2%
Total	5827	100,0%

Tabela 9.6. Modos de manifestação dos maus tratos pela internet

Os maus tratos por meio de internet se manifestam com uma duração de tempo semelhante à dos maus tratos dentro da escola. De acordo com os dados da tabela abaixo, é possível dizer que o tempo de duração mais frequente das práticas de maus tratos na internet é de uma semana, com 12% de ocorrência dessa alternativa nas respostas para a pergunta “Por quanto tempo duraram os maus tratos no mundo virtual?”.

Tempo de duração	Total	Percentual
Não fui maltratado	4165	80,6%
Durou uma semana	617	11,9%
Durou várias semanas	151	2,9%
Todo este ano	60	1,2%
Desde o ano passado	72	1,4%
Em branco	103	2,0%
Total	5168	100%

Tabela 9.7. Tempo de duração dos maus tratos pela internet

9.3 Reações das Vítimas e dos Agressores

A análise dos dados sobre reações indica que, de forma muito semelhante ao que acontece nas situações de maus tratos dentro do ambiente escolar, as vítimas de maus tratos pela internet tendem a não fazer nada após a agressão ou a tentar se defender sozinhos (sem intermédio de professores, pais ou irmãos).

A resposta mais frequente para a questão “O que você fez quando foi maltratado por colegas no mundo virtual?” é “não fiz nada, mas fiquei magoado”, com 6% das respostas, como pode ser observado na tabela a seguir. As demais possíveis respostas para essa pergunta apresentam porcentagens baixas e com valores muito próximos entre si, o que dificulta outras inferências.

Reações	Total	Percentual
Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.	4068	69,1%
Não fiz nada, mas fiquei magoado(a).	347	5,9%
Eu me defendi.	223	3,8%
Não fiz nada porque não dei importância.	193	3,3%
Eu revidei	181	3,1%
Falei com meu pai / mãe / responsável.	159	2,7%
Falei com meu(s) amigo(s).	153	2,6%
Pedi que parassem.	128	2,2%
Eu chorei.	81	1,4%
Outros	79	1,3%
Falei com um professor.	70	1,2%
Falei com o diretor, coordenador ou outro funcionário.	70	1,2%
Falei com meu(s) irmão(s) ou irmã(s).	65	1,1%
Eu fugi.	35	0,6%
Eu denunciei na polícia.	31	0,5%
Total	5883	100,0%

Tabela 9.8. Reações das vítimas após maus tratos pela internet

Os sentimentos manifestados pelas vítimas de maus tratos por meio da internet também são semelhantes aos manifestados pelas vítimas de maus tratos dentro da escola. De acordo com os dados da tabela a seguir, após sofrer maus tratos por meio da internet, os sentimentos mais frequentes são: desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza. As opções mais citadas pelas vítimas são “eu me senti mal”, “eu não senti nada”, “eu me senti irritado” e “eu me senti triste”. As respostas para essa pergunta também apresentam porcentagens baixas e muito semelhantes.

Sentimentos	Total	Percentual
Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.	4075	66,8%
Eu me senti mal.	340	5,6%
Eu não senti nada.	315	5,2%
Eu me senti irritado(a).	264	4,3%
Eu me senti triste.	245	4,0%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	202	3,3%
Eu fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	155	2,5%
Eu me senti bem.	128	2,1%
Eu me senti envergonhado(a).	124	2,0%
Eu fiquei com medo.	103	1,7%
Foi engraçado.	86	1,4%
Eu me senti indefeso(a), ninguém podia me ajudar.	66	1,1%
Total	6103	100,0%

Tabela 9.9. Sentimentos das vítimas após maus tratos pela internet

Os sentimentos manifestados por aqueles que praticaram maus tratos pela internet também são semelhantes aos daqueles que praticaram maus tratos dentro da escola, de acordo com as respostas para a pergunta “Caso você tenha maltratado algum colega no mundo virtual em 2009, o que você sentiu?”. Os agressores revelam que suas reações mais frequentes são: i) “não sentiram nada” (5%) e ii) “sentiram que os agredidos mereceram o castigo” (3,6%). As frequências das demais respostas para a questão sobre os sentimentos dos agressores são baixas e muito similares, dificultando outras inferências.

Sentimentos	Total	Percentual
Não maltratei colega(s) de escola no mundo virtual em 2009.	4252	75,4%
Não senti nada.	281	5,0%
Senti que eles mereciam o castigo.	204	3,6%
Foi engraçado.	142	2,5%
Eu me arrependi do que fiz.	128	2,3%
Eu me senti mal.	122	2,2%
Eu senti pena da pessoa.	99	1,8%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.	98	1,7%
Eu me senti bem.	88	1,6%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.	83	1,5%
Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.	38	0,7%
Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).	34	0,6%
Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.	32	0,6%

Sentimentos	Total	Percentual
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).	26	0,5%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.	15	0,3%
Total	5642	100,0%

Tabela 9.10. Sentimentos de agressores após maus tratos pela internet

9.4 Considerações Finais

Os maus tratos entre colegas de escola no ambiente virtual se manifestam com incidência próxima de 17% na amostra estudada, o que é bastante significativo. No Sudeste essa incidência é ainda maior, chegando a 20%.

No que diz respeito a esse tipo de prática, não há diferença significativa na forma como são afetados meninos e meninas. As vítimas de maus tratos, no entanto, concentram-se nas quintas e sextas séries do Ensino Fundamental e no intervalo etário entre 12 e 14 anos de idade.

A pesquisa mostra que os maus tratos pela internet se manifestam com maior frequência na forma de insultos e difamações feitas por meio de e-mail, MSN e sites de relacionamento e que esses maus tratos tendem a durar cerca de uma semana.

Os dados indicam que as reações das vítimas de maus tratos no mundo virtual assemelham-se muito às reações das vítimas de maus tratos dentro do ambiente escolar. A apatia representada pela atitude de não fazer nada após sofrer esse tipo de agressão é a resposta citada com mais frequência. No que se refere às sensações das vítimas após sofrerem maus tratos por colegas pela rede mundial, os sentimentos de desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza são mencionados com a frequência mais alta. Esse dado é similar ao dado sobre sentimentos das vítimas de maus tratos dentro da escola.

Por fim, os sentimentos dos agressores em ambiente escolar e em meio virtual também são semelhantes. As respostas dos agressores revelam que, após praticar maus tratos pela internet, as reações mais frequentes são: não sentir nada e sentir que as vítimas mereceram o castigo.

10 Conclusão

A pesquisa “*Bullying* no Ambiente Escolar” foi realizada com o objetivo de constatar e descrever as situações de violência entre pares e as manifestações de *bullying* em escolas do ensino fundamental no Brasil. Seus resultados deverão servir de insumos para as ações da campanha “Aprender sem Medo” realizada pela Plan Brasil visando alertar e orientar estudantes, pais, gestores e docentes escolares, bem como a sociedade civil como um todo, acerca da ocorrência deste tipo de violência, as formas de reduzir sua frequência e as graves consequências que pode provocar para as pessoas envolvidas, as instituições de ensino e o próprio processo de formação e de consolidação da cidadania.

O estudo foi conduzido pelo CEATS - Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor, ligado à FIA - Fundação Instituto de Administração. Obedeceu à modelagem de uma pesquisa descritiva, com levantamento de dados primários junto a amostras de estudantes, de pais e de profissionais que atuam nas escolas selecionadas. Foram coletados dados sócio-demográficos, como idade, sexo, arranjos familiares e etnia dos estudantes; dados de caracterização da ocorrência do fenômeno estudado e opiniões acerca dessas manifestações, tanto dos estudantes, quanto dos demais atores pesquisados. Para a coleta de dados dos alunos foram empregados questionários individuais preenchidos sob orientação de aplicadores qualificados. As percepções de gestores escolares, docentes, alunos, pais e responsáveis foram captadas através de grupos focais conduzidos por especialista no emprego da técnica. As informações de natureza quantitativa foram analisadas mediante cálculo de frequência das respostas e os dados qualitativos foram sistematizados e submetidos à análise de conteúdo.

As atividades preliminares da pesquisa – delimitação do problema de investigação e construção do referencial teórico-conceitual – propiciaram uma primeira constatação que influenciou, profundamente, a coleta e a análise de dados. O termo *bullying* mostrou não ser conhecido ou, tampouco, familiar à grande maioria da população alvo da pesquisa. A manifestação desse fenômeno não é considerada diferente de outras formas de violência interpessoal e grupal que ocorrem, com frequência, no ambiente escolar. A própria produção acadêmica e técnica sobre o assunto é muito pequena no Brasil, identificando-se raros pesquisadores, especialistas e autores preocupados em estudar suas especificidades. A maior divulgação do termo e de suas ocorrências tem se dado, nos últimos anos, através dos meios de comunicação de massas, com notícias enquadradas entre os

temas da violência urbana, da criminalidade juvenil e da má qualidade do sistema de ensino, principalmente no que concerne à gestão da segurança do equipamento escolar e de seus usuários.

Em vista disso, o ponto de partida da pesquisa foi adequar a definição do conceito de *bullying* apoiada no trabalho de Cleo Fante⁹, caracterizando-o como as ações de maus tratos que ocorrem na interação entre estudantes, no ambiente escolar, com significativa frequência de repetição e ao longo de um período passível de observação. Para operacionalizar este conceito, materializando o fenômeno estudado para os respondentes da pesquisa, optou-se por considerar como período o ano letivo de 2009 e como frequência repetitiva significativa as situações que ocorreram com a mesma vítima de agressão por três ou mais vezes ao longo daquele ano. Desse modo assegurou-se que o respondente tivesse a memória recente dos acontecimentos e pudesse diferenciar o *bullying* de outras ocorrências de caráter violento que ocorreram na escola de forma eventual. Isso possibilitou a realização de uma abordagem quantitativa do fenômeno, ainda que relativizada pelos limites da amostra estudada e das restrições das métricas para tratamento dessas informações.

Para garantir variedade e heterogeneidade dos alunos participantes da pesquisa, foram selecionadas cinco escolas de cada uma das cinco regiões geográficas do País, sendo vinte públicas municipais e cinco particulares. Quinze estão localizadas em capitais e dez em municípios do interior. No total, 5.168 alunos responderam ao questionário. Também foram realizados quatorze grupos focais com 55 alunos, 14 pais/responsáveis e 64 técnicos, professores ou gestores de escolas localizadas nas capitais pesquisadas.

O estudo revelou que, quanto mais frequentes os atos repetitivos de maus tratos contra um determinado aluno, mais longo é período de duração da manifestação dessa violência durante o ano letivo pesquisado. Essa constatação demonstra que a repetição das ações de *bullying* fortalece a iniciativa dos agressores e reduz as possibilidades de defesa das vítimas, indicando ser essencial uma ágil identificação dessas ações e imediata reação de repúdio e contenção.

A ocorrência do *bullying* emerge em um clima generalizado de violência no ambiente escolar, considerando-se que 70% da amostra de estudantes responderam ter presenciado cenas de agressões entre colegas durante o ano letivo de 2009, enquanto 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período. O *bullying*, caracterizado como ações de maus tratos entre colegas ocorridas com frequência superior a três vezes naquele ano, foi praticado e sofrido por 10% do total de alunos pesquisados, sendo mais comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Estes dados são minimizados quando os estudantes consideram que a maioria das ocorrências limita-se a agressões verbais praticadas por um aluno contra outro, as quais são

⁹ FANTE, Cleodilice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

consideradas por alunos, pais, professores e gestores como normais no relacionamento entre crianças e entre adolescentes. Contudo, é importante ressaltar essas práticas em virtude da elevada frequência com que ocorrem; do fato de ocorrerem quase sempre em sala de aula, sem que a presença ou não do professor altere a probabilidade de sua manifestação; e, principalmente, porque ela tende a ser uma etapa inicial desencadeadora de processos de maus-tratos que, em sua repetição, tornam-se mais violentos.

Na amostra pesquisada, as mais elevadas frequências de *bullying* foram identificadas entre adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na sexta série do ensino fundamental. Os respondentes tiveram dificuldade para indicar motivos que os levam a sofrer ou a praticar agressões no contexto de seu relacionamento com pares no ambiente escolar. Tendem a considerar que os agressores são jovens que buscam obter popularidade junto aos colegas, que necessitam ser aceitos pelo grupo de referência e que se sentiram poderosos em relação aos demais, tendo esse “status” reconhecido na medida em que seus atos são observados e, de certa forma, consentidos pela omissão e falta de reação dos atores envolvidos. Os próprios alunos não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus tratos violentos. Tampouco percebem que pode existir uma escala de crescimento exponencial dessas situações. Também indicam que as escolas não estão preparadas para evitar essa progressão em seu início, nem para clarificar aos alunos quais são os limites e quais são as formas estabelecidas para que sejam respeitados por todos.

Na amostra estudada é maior o número de vítimas do sexo masculino: mais de 34,5% dos meninos pesquisados foram vítimas de maus tratos ao menos uma vez no ano letivo de 2009, sendo 12,5% vítimas de *bullying*, caracterizado por agressões com frequência superior a três vezes naquele ano. Apesar das altas frequências de práticas violentas, os alunos do sexo masculino pesquisados tendem a minimizar a gravidade dessas ocorrências, alegando que foram brincadeiras de mau gosto ou que não dão importância aos fatos porque os colegas não merecem essa consideração. Já as meninas que sofreram maus tratos ao menos uma vez durante o ano de 2009 (23,9% da amostra de meninas pesquisada) ou tornaram-se vítimas de *bullying* (7,6% dessa mesma amostra) apresentam outro padrão de resposta às agressões sofridas, manifestando sentimentos de tristeza, mágoa e aborrecimento.

As vítimas do *bullying* são sempre descritas pelos respondentes como pessoas que apresentam alguma diferença em relação aos demais colegas, como um traço físico marcante, algum tipo de necessidade especial, o uso de vestimentas consideradas diferentes, a posse de objetos ou o consumo de bens indicativos de status sócio-econômico superior ao dos demais alunos. Elas são

vistas pelo conjunto de respondentes como pessoas tímidas, inseguras e passivas, o que faz com que os agressores as considerem merecedoras das agressões dado seu comportamento frágil e inibido.

Os maus tratos entre pares no ambiente virtual se manifestam com frequência semelhante à da violência praticada no ambiente físico da escola. Aproximadamente 17% dos alunos pesquisados já foram vítimas de agressões via internet. Na região Sudeste do País, essa incidência é ainda maior, chegando a 20%, provavelmente porque é mais amplo o acesso de alunos aos recursos tecnológicos do ambiente virtual.

Insultos e difamações feitos por meio de ferramentas de comunicação virtual e de sites de relacionamento são os principais tipos de maus tratos praticados no ambiente virtual. Assim como no ambiente escolar, as vítimas tendem a não reagir aos atos sofridos e apresentam sentimentos de desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza. Os sentimentos dos agressores em relação às vítimas também são semelhantes, independentemente das situações de agressão ocorrerem no ambiente virtual ou na própria escola. As vítimas são descritas, convictamente, como pessoas fracas e que mereceram o castigo, sem que a maior parte dos agressores manifeste qualquer sentimento de remorso ou de compaixão.

Como consequência dessas ocorrências de maus tratos entre colegas de escola, os próprios respondentes ressaltam os prejuízos sobre o processo de aprendizagem. Indicam que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino e não se sentem motivados a frequentar as aulas.

Embora gestores e professores admitam a existência de uma cultura de violência pautando as relações dos estudantes entre si, as escolas não demonstraram estar preparadas para eliminar ou reduzir a ocorrência de situações de agressão caracterizadas, neste estudo, como específicas do *bullying*. De fato, ampliando este achado da pesquisa, pode-se dizer que a gestão escolar e as competências dos docentes e técnicos do sistema de ensino não contemplam procedimentos de prevenção, controle e correção da violência que se manifesta em seu ambiente e nos arredores, tendo como protagonistas seus próprios alunos. Mais do que uma omissão, ou carência de capacitação e de instrumentos apropriados, parece existir uma tendência a considerar que este tipo de problema e sua solução não fazem parte da natureza ou da missão de uma instituição de ensino.

Os procedimentos adotados pelas escolas são as tradicionais formas de coação ao aluno, como a suspensão (culpabilização do aluno) e a conversa com pais (culpabilização da família), medidas claramente insuficientes para a abordagem do fenômeno. A escola ainda se utiliza de ferramentas talvez adequadas para coibir os antigos casos de indisciplina, cuja causa estava localizada nas particularidades de uma família, de uma criança e de um contexto específico. O que este estudo traz para o debate atual é a constatação de que não se trata de um fenômeno de natureza individual. Os maus tratos entre pares e o *bullying* são fenômenos que ocorrem no ambiente da escola, mas

atingem a coletividade e ao mesmo tempo revelam seus padrões de convívio social. É interessante perceber que, com raras exceções, a pesquisa revelou que a escola está muito longe de reverter tal situação e não apresenta nenhuma ação de mais amplo alcance.

O discurso de pais e familiares contraposto ao de gestores, técnicos e professores, evidenciou que a responsabilização pela emergência de fatores desencadeadores da violência entre os estudantes é mutuamente atribuída. As famílias são acusadas de não assumirem a socialização adequada das crianças, pautada em princípios e valores que assegurariam um comportamento de boa convivência e respeito ao outro. Os profissionais das escolas são acusados de desinteresse, incompetência, alienação em relação às necessidades e aos problemas dos alunos. Tudo isso explicaria a ausência de procedimentos que colocassem limites e punissem formas de comportamento que os desrespeitassem. Mas este “jogo de empurra” não propicia iluminar a questão e avançar em proposições resolutivas. Por isso, mais do que diagnosticar um sintoma que já é evidente, este estudo pôde elencar ações e reflexões que deveriam conduzir o trabalho da Plan Brasil e, mais além, de todos que se interessam pelo papel da Educação na formação da juventude deste País. Há que se considerar:

- Que é fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa, tais como família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para redução e eliminação da violência no ambiente escolar. É a comunidade que tem condições de planejar ações, identificar necessidades, falhas, desejos e, principalmente, propor soluções. Os gestores da educação devem ser capazes de estimular e facilitar tais processos, fortalecendo a gestão democrática nos sistemas de ensino, aproximando a relação entre a escola e a comunidade e aperfeiçoando a comunicação entre os atores.
- Que as escolas devem criar procedimentos preventivos e formas de reação ágeis para evitar a ocorrência de situações de *bullying* e quaisquer outras manifestações de violência entre estudantes. As normas devem ser claras, objetivas, aplicadas com rigor e transparência. A elaboração de tais regras e processos pode ser um excelente exercício participativo, que resulte em clara compreensão do fenômeno por todos os atores da comunidade, estimulando o engajamento dos próprios alunos e suas famílias, assegurando a legitimidade de sua aplicação.
- As questões do convívio social, dos padrões que regem as relações entre as pessoas e dos direitos de cidadania a que todos devem ter acesso não devem ser tratadas em uma disciplina específica, mas serem trabalhadas no conteúdo de todas as disciplinas da grade curricular.
- As escolas devem procurar diagnosticar, sistematicamente, a emergência de casos de *bullying* e outras formas de violência nas relações interpessoais, de modo a estabelecer metas objetivas de redução e eliminação do fenômeno no âmbito dos seus planejamentos estratégico e pedagógico.

- Profissionais atuantes em escolas de ensino fundamental, independentemente dos níveis funcionais e cargos ocupados, devem ser capacitados para assumir medidas de restrição e controle da violência no ambiente escolar.
- A gestão escolar deve incorporar atribuições de prevenção e controle da violência, que podem ser exercidas de forma integrada com outras instituições do Estado – segurança pública; polícias civil, militar, municipal, comunitária; conselhos municipais etc. – e da sociedade civil – associações de moradores, ONGs, fundações empresariais, movimentos sociais etc.